

FILIAÇÃO DIVINA



EDITADO POR 

FORTE DOS TEXTOS E IMAGENS

opusdei.org/pt-pt

ÍNDICE

1. Que é a filiação divina?
2. A Filiação divina: fonte de vida espiritual
3. Novos mediterrâneos (1): «Aquela primeira oração de filho de Deus»
4. Abraçar o mundo com a oração: o salmo 2
5. 16 de outubro de 1931: “Abba, Pai!”
6. «Dá-Lhe graças por tudo, porque tudo é bom»

Que é a filiação divina?

Saber que nos ama como um pai ama os seus filhos e que dá a vida por eles é o grande mistério da filiação divina. Como dizia São Josemaria, somos portadores da única chama capaz de acender os corações. Este artigo aprofunda sobre este dom do Espírito Santo que, desde o batismo, nos torna participantes da própria vida de Jesus Cristo.



Sumário:

- [1. Que é a filiação divina](#)
- [2. A filiação como dom](#)
- [3. Filiação e entrega aos outros](#)
- [4. O dom de piedade](#)

1. Que é a filiação divina

A vida cristã baseia-se na realidade de que Deus nos ama. Esta é a verdade fundamental que ordena toda a nossa vida. Ele ama-nos não só quando correspondemos às suas exigências, mas também quando não o fazemos. Quando nos afastamos de Deus, Ele procura o modo de vir ao nosso encontro para que voltemos a Ele.

Chamamos sentido da filiação divina a esta consciência do amor de Deus por nós. Saber que nos ama como um pai ama os seus filhos e dá a vida por eles. Esta convicção baseia-se numa realidade sobrenatural: a nova relação que Deus Pai estabelece connosco através da graça, pela qual nos torna filhos no seu Filho Jesus Cristo ao dar-nos como dom o Espírito Santo.

Este é um grande mistério. Por esta razão, temos dificuldade em nos apercebermos desta verdade: somos realmente filhos de Deus. Cristo, pela sua Paixão e Morte, ganhou-nos este dom incomensurável.

Torna-se ousado que nós, pobres pessoas, nos dirijamos a Deus como Pai. Mas o próprio Cristo nos ensinou a tratá-l'O desse modo, e fazemo-lo sempre que rezamos o Pai-nosso. Jesus ensinou-nos esta oração e, com o batismo, tornou-nos participantes da sua própria vida, a vida da graça: por ela somos filhos adotivos de Deus.

O Catecismo da Igreja assim o explica: «A relação pessoal do Filho com o Pai (cf. Jo 1, 1), que o homem não pode conceber nem os poderes angélicos podem entrever, eis que o Espírito do Filho nos faz participar dela, a nós que cremos que Jesus é o Cristo e que nascemos de Deus (cf 1Jo 5, 1)» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 2780).

Todos temos um conceito, uma certa ideia do que é a paternidade, ideia de algum modo condicionada pela relação que tivemos com os nossos próprios pais. Essa imagem de pai que guardamos dentro de nós pode ser muito positiva mas, por vezes, também poderá ser deficiente pelo simples facto de que a relação com o nosso pai da terra também o foi. No entanto, Deus é o Pai perfeito, não há n'Ele nenhuma falta, nenhuma distorção; n'Ele se realizam plenamente as notas da paternidade: o seu amor infinito, o

cuidado por cada pessoa, a providência com que dispõe da melhor maneira os acontecimentos. O sentido da filiação divina pode, pois, curar qualquer ferida deixada no nosso coração por um vínculo paterno-filial que não tenha sido plenamente conseguido.

Textos de São Josemaria para meditar

[A filiação divina] Pressupõe um autêntico programa de vida interior, que é preciso canalizar através das tuas relações de piedade com Deus (...), que te permitirão adquirir os sentimentos e as maneiras de um bom filho.

(Amigos de Deus, n. 150)

Descansa na filiação divina. Deus é um Pai – o teu Pai! – cheio de ternura, de infinito amor. Chama-Lhe Pai muitas vezes e diz-Lhe, a sós, que O amas, que O amas muitíssimo, que sentes o orgulho e a força de ser seu filho.

(Forja, n. 331)

A alegria é consequência necessária da filiação divina, de nos sabermos queridos com predileção pelo nosso Pai Deus que nos acolhe, nos ajuda e nos perdoa. Lembra-te bem e sempre: mesmo que alguma vez pareça que tudo vem abaixo, nada se desmorona, porque Deus não perde batalhas.

(Forja, n. 332)

Um filho de Deus não tem medo da vida nem medo da morte, porque o fundamento da sua vida espiritual é o sentido da filiação divina: Deus é meu Pai, pensa, e é o Autor de todo o bem, é toda a Bondade. – Mas tu e eu procedemos, de verdade, como filhos de Deus?

(Forja, n. 987)

2. A filiação como dom

O que poderíamos chamar “sentido da filiação divina” não é algo teórico, não é possuir um conceito. «É um dom divino, uma imensa graça de Deus destinada a orientar todo o pensar e o querer, o sentir e o atuar. (...) Mas é um dom que precisa de ser avivado, como uma brasa, para que irradie a sua luz e o seu calor à conduta do cristão» (*Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría* – II, p. 20).

Para São Josemaria, a filiação divina é uma verdade que serve de fundamento à nossa vida. O fundador do Opus Dei tinha muito presentes as palavras de São Paulo na carta aos Romanos, quando o Apóstolo recorda que não somos servos, mas filhos, que não atuamos por temor, mas recebemos o Espírito de adoção filial (cf. Rm 8, 15.27). E porque somos filhos, somos também herdeiros: a nossa meta é chegar ao Céu e participar eternamente da vida divina. Esse pode ser o tom da nossa relação com Deus: Ele confiou-nos uma tarefa que ocupa toda a nossa vida e assiste-nos constantemente, leva-nos pela mão, como um pai leva o filho que ainda não sabe andar sozinho. Por isso, não temos medo de nada nem de ninguém, nem sequer de nós mesmos, das nossas fraquezas ou da nossa rebeldia: Deus Pai conhece-as, conta com elas e ajuda-nos a avançar. Podemos sempre recomeçar.

O facto de sermos filhos de Deus traz consigo o desejo e a vontade de nos assemelharmos a Ele. Fomos criados à sua imagem e semelhança, queremos que a beleza do Pai se impregne na nossa alma (cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2784). A experiência da filiação divina realiza-se também quando se torna presente o sofrimento, a cruz. É aí que se realiza a identificação com Cristo, que sofreu e morreu por nós para cumprir a vontade de seu Pai.

São Josemaria compreende a filiação divina adotiva à luz do mistério da Encarnação. Graças a esta realidade divina, todas as tarefas nobres podem ser atividades de um filho de Deus, porque todas elas foram assumidas por Cristo.

Outra atitude que está unida à filiação é a humildade e a confiança que nos faz ser como crianças. O próprio Jesus disse que o Pai se revela “aos

pequeninos” (cf. Mt 11, 25; cf *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2785).

Textos de São Josemaria para meditar

A filiação divina é o fundamento do espírito do Opus Dei. Todos os homens são filhos de Deus, mas um filho pode reagir de muitos modos diante do seu pai. Temos de esforçar-nos por ser filhos que procuram lembrar-se de que o Senhor, querendo-nos como filhos, fez com que vivamos em sua casa no meio deste mundo; que sejamos da sua família; que o que é seu seja nosso e o nosso, seu; que tenhamos com Ele a mesma familiaridade e confiança com que um menino é capaz de pedir a própria Lua!

Um filho de Deus trata o Senhor como Pai. Não servilmente, nem com uma reverência formal, de mera cortesia, mas cheio de sinceridade e de confiança. Deus não se escandaliza com os homens. Deus não Se cansa das nossas infidelidades. O nosso Pai do Céu perdoa qualquer ofensa quando o filho volta de novo até Ele, quando se arrepende e pede perdão. Nosso Senhor é tão verdadeiramente pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e se adianta com a sua graça, abrindo-nos amorosamente os braços.

(Cristo que passa, n. 64)

“O Senhor é minha luz e salvação: a quem temerei?” (Sl 26, 1). A ninguém. Tratando deste modo com o nosso Pai do Céu, não sintamos medo de ninguém nem de nada.

(Amigos de Deus, n. 95)

Não se pode dizer rigorosamente que haja realidades – boas, nobres e até indiferentes – que sejam exclusivamente profanas, uma vez que o Verbo de Deus fixou morada entre os filhos dos homens (...), trabalhou com as suas mãos, conheceu a amizade e a obediência

(Cristo que passa, n. 112)

3. Filiação e entrega aos outros

A consciência da filiação divina, juntamente com esta confiança no nosso Pai Deus, impele-nos a dar-mo-nos aos outros e a querer partilhar este dom com todas as pessoas, pois encontrámos a razão da nossa existência.

O desejo de tornar as outras pessoas participantes da graça divina é parte da filiação e leva-nos a ser mais irmãos de todos e a desenvolver a capacidade de nos entregarmos aos outros sem contarmos apenas com as nossas próprias forças, mas com as que derivam do facto de sabermos que somos filhos de Deus. Porque o sentido da filiação divina leva-nos a colocar toda a nossa confiança no cuidado amoroso do nosso Pai Deus e a difundir esta realidade entre as pessoas que nos rodeiam, para que também elas vivam animadas por esta confiança. O sentido apostólico autêntico surge da certeza de que o braço de Deus não diminuiu, de que Ele está sempre junto de nós.

A confiança que provém da filiação divina permite-nos fixar metas altas. De um modo muito belo, diz Santo Agostinho: «Que pode Ele, de facto, negar à oração dos seus filhos, quando já previamente os deixou ser seus filhos?» (Serm. Dom. 2, 4, 16). No Salmo 2, Deus Pai dirige-se a Cristo dizendo: «Pede-me e eu te darei as nações em herança». Esta confiança em Deus pode aplicar-se a todas as situações da nossa vida: as pequenas e as mais importantes. A nova condição que o homem alcança através da graça batismal culminará na glória do Céu, que não é senão «a plenitude da filiação divina» (São Josemaria, *Carta* 02/02/1945, n. 8).

Textos de São Josemaria para meditar

Iesus Christus, Deus Homo, Jesus Cristo, Deus-Homem! Eis uma magnalia Dei, uma das maravilhas de Deus em que temos de meditar e que temos de agradecer a este Senhor que veio trazer *a paz na terra aos homens de boa vontade*, a todos os homens que querem unir a sua vontade à Vontade boa de Deus. Não só aos ricos, nem só aos pobres! A todos os homens, a todos os irmãos! Pois irmãos somos todos em Jesus; filhos de Deus, irmãos de Cristo: sua Mãe é nossa Mãe. Na terra há apenas uma raça:

a raça dos filhos de Deus. Todos devemos falar a mesma língua: a que o nosso Pai que está nos Céus nos ensina; a língua dos diálogos de Jesus com seu Pai; a língua que se fala com o coração e com a cabeça; a que estais a usar agora na vossa oração. É a língua das almas contemplativas, dos homens espirituais por se terem dado conta da sua filiação divina; uma língua que se manifesta em mil moções da vontade, em luzes vivas do entendimento, em afetos do coração, em decisões de retidão de vida, de bem-fazer, de alegria, de paz.

(*Cristo que passa*, n. 13)

“*Frater qui adjuvatur a fratre quasi civitas firma*” – O irmão ajudado pelo seu irmão é tão forte como uma cidade amuralhada. – Pensa um pouco e decide-te a viver a fraternidade que sempre te recomendo.

(*Caminho*, n. 460)

Por isso vos repito com São João: “vede que amor teve por nós o Pai, querendo que nos chamássemos filhos de Deus e que o fôssemos na verdade!” (1Jo 3, 1). Filhos de Deus, irmãos do Verbo feito carne, d'Aquele de Quem foi dito: “n'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens!” (Jo 1, 4). Filhos da Luz, irmãos da Luz – isso é o que somos! Portadores da única chama capaz de iluminar os corações feitos de carne!

(*Cristo que passa*, n. 66)

4. O dom de piedade

O dom de piedade, um dos sete dons do Espírito Santo, ajuda-nos a tratar Deus como Pai, a estabelecer esta relação filial de forma habitual. Concretamente, o dom de piedade «dispõe a alma a ser dócil ao impulso do Espírito Santo para tratar filialmente a Deus Pai» (Ernst Burkhardt - Javier López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría. Estudio de teología espiritual* - II, Rialp 2011, p. 110). São Paulo diz-nos: «Aqueles que são conduzidos pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus» (Rm 8, 14).

Na filiação divina encontramos também o fundamento da autêntica liberdade, porque o filho não atua por obrigação, mas pelo desejo de agradar aos seus pais, pela confiança de que o que lhe pedem é bom para ele. O amor, que é a verdadeira força motriz da liberdade, expressa-se no desejo de viver segundo a vontade de Deus, de integrar na sua vida os ensinamentos de Cristo e de acolher com docilidade as inspirações do Espírito Santo.

Finalmente, a filiação divina é também o fundamento da nossa alegria. O que mais pode entristecer uma pessoa é a solidão. Podemos, por vezes, sentir-nos sós no trabalho, na família, mas, se pensarmos bem, em todas estas situações estamos muito acompanhados pelo Senhor. Saber que podemos contar sempre com Ele é a maior fonte de confiança, serenidade e alegria.

Como podemos crescer neste fundamento da nossa vida espiritual? Podemos pedir a graça de crescer nesta consciência de filhos, mas também está ao nosso alcance cultivar a nossa relação com Deus, apoiarmo-nos n'Ele, confiar n'Ele até no mais ínfimo pormenor. Desconfiar um pouco de nós próprios, da nossa opinião, das nossas forças. Deixar que o prato da balança de Deus pese muito mais do que o nosso. Dar-nos conta e valorizar tantas ajudas divinas que recebemos na nossa vida e que Deus nos dá em cada dia. Às vezes, coisas muito pequenas, mas que refletem o seu carinho de Pai por nós.

A maternidade da Virgem Maria é participação na paternidade de Deus: somos filhos de Deus também graças à sua maternidade: o «Mulher, eis aí o teu filho» (Jo 19, 26) tornou-nos irmãos de Cristo e, portanto, filhos no Filho. Viver a filiação mariana é um aspeto da filiação divina: «sereis alimentados, sereis levados ao colo e acariciados sobre os joelhos. Como a mãe que anima o seu filho, também Eu vos confortarei» (Is 66, 12-13).

Textos de São Josemaria para meditar

Esta luta de um filho de Deus não implica tristes renúncias, obscuras resignações, privações de alegria; é a reação do enamorado que, enquanto

trabalha e enquanto descansa, enquanto se alegra e enquanto padece, põe o seu pensamento na pessoa amada e, por ela, enfrenta gostosamente os diferentes problemas. No nosso caso, além disso, como Deus – insisto – não perde batalhas, nós, com Ele, seremos vencedores.

(Amigos de Deus, n. 219)

O Evangelista São Lucas conta que Jesus estava a orar... Como seria a oração de Jesus! Contempla devagar esta realidade: os discípulos têm intimidade com Jesus e, nessas conversas, Nosso Senhor ensina-lhes – também com as obras – como hão de rezar, e o grande portento da misericórdia divina: que somos filhos de Deus e que podemos dirigir-nos a Ele, como um filho fala com o Pai.

(Forja, n. 71)

A vida de oração e de penitência e a consideração da nossa filiação divina transformam-nos em cristãos profundamente piedosos, como meninos pequenos diante de Deus. A piedade é a virtude dos filhos e, para que o filho possa entregar-se nos braços do seu pai, há de ser e sentir-se pequeno, necessitado. Tenho meditado com frequência na vida de infância espiritual, que não se contrapõe à fortaleza, porque requer uma vontade rija, uma maturidade bem temperada, um carácter firme e aberto

(Cristo que passa, n. 10)

Porque Maria é Mãe, a sua devoção ensina-nos a ser filhos – a amar de veras, sem medida; a ser simples, sem as complicações que nascem do egoísmo de pensar só em nós; a estar alegres, sabendo que nada pode destruir a nossa esperança

(Cristo que passa, n. 143)

A Filiação divina: fonte de vida espiritual

Apresentamos o artigo "Consciência da filiação divina, fonte de vida espiritual", escrito pelo professor de Teologia Javier Sesé e publicado em "Scripta Theologica" 31 (1999/2).



1. A partir da experiência dos santos

“Deus comunica-se nesta união interior à alma com tanto amor verdadeiro, que não existe amor de mãe que acaricie o seu filho com tanta ternura (...) E assim, aqui está empregado em presentear e acariciar a alma como a mãe em servir e presentear o seu filho, criando-o ao peito; pelo que a alma conhece a verdade das palavras de Isaías que dizem: 'Os seus filhinhos serão levados ao colo, e acariciados sobre os seus regaços.' '(Is 66, 12)”. Até agora S. João da Cruz no seu *Cântico Espiritual*.

"Perante uma linguagem como esta, só é possível calar e chorar de gratidão e amor", acrescenta Santa Teresa do Menino Jesus, lembrando a

mesma citação de Isaías, completada, entre outras referências da Escritura, com esta do mesmo profeta: “Acaso pode uma mulher esquecer-se do seu bebê, não ter carinho pelo fruto das suas entranhas? Ainda que ela se esquecesse dele, Eu nunca te esqueceria.” (Is 49, 15)

Por isso, Santa Teresa de Jesus diz de Deus "que por força deve ser melhor do que todos os pais do mundo, porque n'Ele não pode haver nada senão tudo bem realizado"; e S. Josemaria Escrivá declara, paralelamente, que Deus é um Pai que nos ama "mais do que todas as mães do mundo podem amar os seus filhos". E acrescenta, emocionado, noutra ocasião: “As palavras não podem seguir o coração, que se emociona perante a bondade de Deus. Diz-nos: tu és meu filho. Não um estranho, nem um servo tratado com benevolência, nem um amigo, isso já seria muito. Filho! Concede-nos um caminho livre para vivermos com Ele a piedade do filho e, ousaria afirmar, também a desvergonha do filho de um Pai, que é incapaz de negar-lhe alguma coisa”.

Estes textos, citados como início da nossa reflexão, pretendem ser paradigmáticos, tanto do seu conteúdo quanto do seu método. De facto, propomos apresentar uma reflexão teológica sobre a consciência da filiação como fonte de vida espiritual, mas inspirada na experiência e no ensino dos santos.

Não é minha intenção analisar uns textos concretos de determinados mestres de espiritualidade; nem sobrecarregar com uma ampla erudição de referências, embora vá citar um bom número de exemplos como apoio às minhas reflexões; mas expor o que a leitura, o estudo e, acima de tudo, uma "contemplação" teológica da doutrina e a experiência interior de vários santos me levam a concluir como uma síntese comum a todos eles.

Dessa maneira, quero apresentar algumas ideias que, por um lado, tenham um carácter e uma aplicação o mais universal possível e, por outro, estejam apoiadas em autoridades teológicas comprovadas.

De facto, a filiação divina, como condição comum e básica do ser cristão, pode e deve ajudar-nos a todos no caminho da nossa vida espiritual;

e a experiência e o ensino daqueles que percorreram esse caminho com êxito são a melhor garantia tanto da veracidade do que afirmamos como da sua utilidade prática.

Se toda a teologia, na minha opinião, deveria levar harmoniosamente ao conhecimento da verdade divina e à consolidação da santidade pessoal, muito mais a parte dessa ciência que estuda expressamente a santidade cristã e que costumamos chamar teologia espiritual; e se os santos proporcionam luzes decisivas para toda a boa reflexão teológica, na teologia espiritual tornam-se indispensáveis.

Penso que, além disso, o meu contributo pode ser verdadeiramente complementar ao que ouvimos até agora no simpósio; não tanto por dizer coisas diferentes, porque continuaremos a contemplar a figura de nosso Pai Deus, mas por iluminar essas ideias de outra perspectiva: uma perspectiva que, oxalá seja viva e vivificante para todos, como certamente foi para aqueles que inspiraram estas linhas.

Como última consideração introdutória, não devemos esquecer que estamos perante o principal mistério de nossa fé (o próprio Deus), contemplado a partir de experiências espirituais que, por sua vez, escondem outro mistério de fé: o da vida divina na alma cristã. Há, portanto, muito mais nessas realidades - infinitamente mais - do que se pode dizer aqui, e na própria experiência desses santos há muito mais riqueza do que a teologia conseguiu extrair até agora. Portanto, cada afirmação proposta aqui abre novos e amplos cenários de reflexão. Mas este é precisamente um dos grandes incentivos da ciência teológica, e da teologia espiritual em particular.

2. O amor paterno de Deus e a intimidade trinitária

A contemplação reflexiva de textos e experiências como as mencionadas no início levou-me, nestes últimos meses, a uma primeira convicção que considero fundamental e que proponho como ideia-chave de tudo o que se seguirá: o que faz os santos reagirem não é tanto a consciência de serem ele mesmo ou ela mesma filha ou filho de Deus, mas

a compreensão cada vez mais profunda e viva do que significa "Deus é meu Pai" ; isto é, a descoberta do infinito amor divino derramado nele ou nela: a verificação viva e prática de "quanto Deus me ama".

O santo está indubitavelmente ciente do que causa o Amor divino no seu próprio ser e na sua própria vida, e agradece-o efetivamente; mas mais do que apenas olhar para si mesmo, olha para Deus: contempla admirado a Sua infinita grandeza e descobre com surpresa que todo esse esplendor não permanece estático e como que alheio aos seus olhos, mas que Se inclina para ele, dá-Se-lhe, faz-Se seu, sem outro motivo além da pura liberalidade do Seu Amor divino.

Esses sentimentos estão presentes, em particular, nos textos citados no início, mas recolhamos outras palavras significativas, neste caso de Santa Teresa de los Andes, para nos ajudar a dar mais alguns passos: “Nosso Senhor disse-me que queria que eu vivesse com Ele numa comunhão perpétua, porque me amava muito (...) Então disse-me que a Santíssima Trindade estava na minha alma; que A adorasse (...) A minha alma estava atordoada. Via a Sua infinita Grandeza e como descia para Se juntar a mim, um nada miserável. Ele, a Imensidão, com a pequenez; Sabedoria, com ignorância; o Eterno, com a criatura limitada; mas, acima de tudo, a Beleza, com a fealdade; Santidade, com pecado. Então, nas profundezas da minha alma, de uma maneira rápida, fez-me entender o amor que O fazia sair de Si mesmo para me procurar (...) Vi que (...) com uma criatura tão miserável Se quer unir; quer identificá-la com o Seu próprio ser, tirando-a das suas misérias para divinizá-la de tal maneira que chegue a possuir as Suas infinitas perfeições.”

Com base no que acabamos de ler, destacamos duas outras ideias fundamentais que considero inseparáveis da primeira já apontada: é o Deus Todo-Poderoso, Imenso, Eterno, Infinito, Imutável, etc., que é nosso Pai e, portanto, nos ama, com toda a comovedora ternura materna que lembramos no início; e é, ao mesmo tempo, o Deus Trino que assim Se entrega a nós, não apenas porque nos revela os segredos da Sua intimidade trinitária, mas porque introduz a alma nessa mesma intimidade.

Não me refiro com isto à dedução de que o que foi dito deve ser assim porque Deus é assim; mas a que a consciência viva que os santos têm daquele divino Amor paterno que se derrama na alma e que os comove até às entranhas inclui três aspetos inseparavelmente, cuja combinação causa precisamente a intensidade e profundidade da sua reação interior: o amor de Deus por mim é tão próximo e íntimo como o que existe entre mãe e filho recém-nascido (primeiro aspeto); não porque se digna dar-me algumas migalhas do Seu infinito amor, mas porque se entrega Ele verdadeiramente, como é, na Sua grandeza e infinidade (segundo aspeto); e a prova irrefutável de que isso é verdade é o facto de que Deus Se entrega a mim como Se entrega a Seu Filho (terceiro aspeto): é meu Pai, como é Pai de Jesus; a minha filiação é participação na mesma Filiação do Seu filho; e o Seu amor por mim é como o amor com o que ama o Seu Filho: entrega-me o mesmo Amor paterno-filial, que é o Espírito Santo.

Por outras palavras: a experiência e o ensino dos santos - eco do que se manifesta nas Escrituras - mostra-nos, por um lado, que somente dentro da própria Trindade, e por que Ela toma a iniciativa de Se abrir e Se dar, pode haver verdadeira intimidade com Deus, verdadeira troca de amor, verdadeiro tratamento paterno-filial; e por outro lado - ou melhor, como consequência - que só então Deus é realmente meu e tudo o que é Seu é meu, sem deixar de ser Deus.

O santo compreende profundamente e ensina, através dessa demonstração de reverência e ousadia, de amor e humildade, maravilhosamente combinados, que se Deus me amasse "como de fora de Si mesmo", isto é, não trinitariamente, não seria realmente Pai. Seria, na melhor das hipóteses, apenas pai analógico ou limitado; bom, isso sim; capaz de nos dominar com inúmeros presentes e demonstrações de afeto, tentando conquistar os nossos corações; mas sem realmente entrar nele: porque a alma intuiria, no fundo, que é um amor indireto, até interesseiro; esse não é o amor de um verdadeiro pai.

No entanto, a Encarnação de Jesus Cristo, a Sua morte por nós, o dom do Seu Espírito, a vida trinitária na alma, dizem-nos que Deus é o Pai da verdade, que Ele me ama pessoalmente (tri-pessoalmente, poderíamos

dizer); para além de dons e dádivas concretos, por mais maravilhosos que sejam... que o são! A alma que entende e sente isso a fundo transcende os dons e presentes concretos; porque, antes de mais, sabe que sempre O tem, com todos os tesouros da Sua mesma vida divina-trinitária.

Vamos insistir nessa importante doutrina, reproduzindo uma síntese teológica exata de Santa Edith Stein: “A alma, na qual Deus habita pela graça, não é simplesmente um ecrã impessoal na qual a vida divina se reflete, mas ela mesma está dentro dessa vida. A vida divina é uma vida trinitária e tripessoal: é o Amor transbordante com o qual o Pai gera o Filho e Lhe dá o Ser, e com o qual o Filho recebe esse Ser e o devolve ao Pai, o Amor no qual o Pai e o Filho são a mesma coisa e ambos o espiram como Seu Espírito comum. Pela graça, esse Espírito derrama-Se, por sua vez, sobre as almas. Desta maneira, verifica-se que a alma vive a sua vida de graça pelo Espírito Santo, ama n’Ele o Pai com o Amor do Filho e o Filho com o Amor do Pai.”

3. Singularidade da relação Pai-filho

Esmiucemos um pouco mais essas ideias básicas. A alma santa é particularmente consciente não apenas de quanto Deus ama, como ama, mas da singularidade do Seu amor: de quanto me ama e como me ama; que não é apenas Pai, mas meu Pai; não é apenas Amor, mas meu Amor. É por isso que se atreve a tratar Deus com as mesmas palavras de Jesus: "Meu Pai", "Abba": Papá! Bem consciente, é claro, de que ele pode dizê-lo e dizê-lo movido pelo Espírito do Pai e do Filho que habita na sua alma, como lembra São Paulo (cf. Rm 8, 14-17 e Gal 4, 4-7)... Mas di-lo! E o "Pai Nosso" alcança então o seu verdadeiro significado: meu Pai, teu Pai e seu Pai..., de todos e de cada um, em Jesus Cristo.

É isso que S. Josemaria Escrivápropõe: "dir-Lhe-emos com S. Paulo, Abba, Pater, Pai, meu Pai! Porque, sendo o Criador do universo, não Se importa que não usemos títulos altissonantes, nem sente falta da devida confissão do Seu senhorio. Quer que O chamemos Pai, que saboreemos essa palavra, enchendo a nossa alma de alegria. Deus é, desse modo, meu Pai (muito próximo, íntimo)... mas não deixa de ser meu Deus; e isso tem

consequências importantes: todo o poder, a glória e a majestade, a bondade, a verdade e a beleza divinos para o homem... Para mim em particular! Meus por direito de filho. Não merecidos, nem ganhos ou conquistados, é claro; mas também não simplesmente dados graciosamente por um Senhor todo-poderoso que se digna aproximar-se desde a sua altura majestosa; mas recebidos como efeito irrefutável de que me fez realmente Seu filho, com todas as suas consequências... E isto é, sem dúvida, muito maior e mais comovente, embora os resultados práticos pareçam os mesmos.

Digo "pareçam", porque, de facto, os resultados não são os mesmos: muitas das audácias - por exemplo, apostólicas - que contemplamos na vida dos santos, penso que são apenas explicáveis porque "usam" o poder de Deus - valha a expressão - como próprio de um filho, de um herdeiro de pleno direito. Melhor ainda, como um poder que flui do próprio Deus agindo da parte mais interna da sua própria alma; e não simplesmente como um presente recebido de fora para ser usado, por muito liberal que tenha sido o presente e por muita liberdade de uso que tenha concedido o doador. Além disso, somente a partir dessa perspectiva é possível manter o equilíbrio - como mantêm os santos - entre audácia e humildade.

Afinando um pouco mais, podemos dizer que a verdadeira consciência da filiação divina é a consciência não apenas de que é meu Pai e meu Deus, mas também meu Deus-Pai, que me dá como próprios o Seu Filho e, com Ele, o Seu Espírito; isto é, há uma captação muito profunda da Unidade na Trindade e da Trindade na Unidade; e nela, do equilíbrio entre transcendência e proximidade de Deus, entre a Sua grandeza e a Sua surpreendente aniquilação para ser meu, nosso.

É o que exprime, entre outros possíveis testemunhos, um dos parágrafos mais conhecidos das Moradas de Santa Teresa de Jesus: “entende (a alma que atinge as sétimas moradas) com grandíssima verdade serem todas as três Pessoas uma substância e um poder e um saber e um só Deus (...) Todas as três Pessoas são comunicadas aqui, e lhe falam, e dão a entender as palavras que o Evangelho diz que o Senhor disse: que Ele, o Pai e o Espírito Santo viriam morar com a alma que O ama e guarda os Seus mandamentos (cf. Jo 14:23). Oh, valha-me Deus! Quão diferente é ouvir

estas palavras e crer nelas, de entender assim como são verdadeiras! E cada dia se espanta mais essa alma.”

E é o que S. João da Cruz também explica na sua Chama do amor vivo, já no prólogo: “E não é de se maravilhar que Deus faça tão altas e estranhas mercês às almas que dá em presentear; porque se considerarmos que é Deus, e que as faz como Deus, e com infinito amor e bondade, não nos parecerá fora da razão; pois Ele disse que em quem o amasse viriam o Pai, o Filho e o Espírito Santo e habitariam nele (cf. Jo 14:23); que o faria viver e habitar no Pai, no Filho e no Espírito Santo na vida de Deus. ”

Voltaremos a seguir aos aspetos trinitários desta realidade. Agora, vamos continuar a aprofundar nas características da intimidade paterno-filial que os santos descobrem nesse divino Amor.

A confiança e o abandono que decorrem da realidade da filiação divina são habitualmente muito sublinhados, mas, seguindo a linha marcada no início da nossa reflexão, quero insistir em que o santo se fixa principalmente em como Deus o ama e o trata, de tal maneira que não tem outro remédio, por assim dizer, senão confiar e abandonar-se. Ou seja, essa atitude não é tanto o resultado de um esforço ascético pessoal - embora esse esforço também exista - como, acima de tudo, de se deixar levar por Deus: por algo se fala precisamente de abandono! Embora seja sempre um abandono ativo, livre e consciente da parte do filho.

Assim o exprime, por exemplo, S. Francisco de Sales: “'Se não vos tornardes simples como crianças, não entrareis no reino do Meu Pai' (Mt 10, 16). Enquanto a criança é pequena, conserva-se em grande simplicidade; conhece apenas a sua mãe; tem apenas um amor, a sua mãe; uma única aspiração, o colo da mãe; não quer nada além de se recostar num descanso tão amável. A alma completamente simples tem apenas um amor, Deus; e nesse único amor, uma única aspiração, de repousar no seio do Pai celestial, e aqui estabelecer o seu descanso, como um filho amoroso, deixando completamente todos os cuidados n'Ele, sem olhar para mais nada, a não ser permanecer nesta santa confiança.”

Por outro lado, é essa “combinação” divindade-paternidade-amor, presente na doação trinitária à alma que comporta a realidade da filiação divina, a que realmente provoca nos santos uma profunda resposta de amor filial, entusiasmo, uma autêntica "loucura" de amor. Foi assim que exprimiram, na sua oração, por exemplo, Santa Teresa do Menino Jesus e S. Josemaria Escrivá: “Deixa-me que te diga, no excesso da minha gratidão, sim, que te diga que o teu amor atinge a loucura... Como queres que, perante essa loucura, o meu coração não se lance para ti? Como vai conhecer limites a minha confiança...?” "Saber que me amas tanto, meu Deus, e... não fiquei louco?"

4. O amor paterno de Deus manifestado em Jesus Cristo e no Espírito Santo

Vamos olhar novamente para a perspectiva trinitária já apontada. Não podemos esquecer, de facto, duas realidades teológicas que também se tornam particularmente vivas nas almas que têm uma vida interior profunda e que as levam ainda mais a corresponder.

A primeira, que o Filho é a Imagem do Pai e, ao encarnar, aproxima essa Imagem de nós, também no sentido de que podemos contemplar "encarnado" o Amor de Deus Pai: em Jesus, vemos, sentimos e experimentamos esse Amor divino "humanizado"; e isso é decisivo para abordar intelectualmente essa realidade e para que exista uma verdadeira resposta filial de nossa parte, que deve necessariamente ser humana. Ou seja, no coração de Jesus, nas Suas ações divino-humanas, nas Suas manifestações de afeto, a alma cristã torna-se mais consciente e sente mais vividamente o que significa o Amor paterno-materno de Deus: como Deus me ama, como se "traduz" humanamente (corporal e espiritualmente) esse Amor; além de descobrir os caminhos do verdadeiro amor filial, aprendidos de quem é o Filho por natureza.

Por outro lado, não somos feitos apenas filhos no Filho, mas a Encarnação de Jesus Cristo aparece como garantia da verdade da nossa própria filiação divina, como explica S. João de Ávila: “Misericórdia inefável é que Deus adote por filhos os filhos dos homens, vermes da terra. Mas, para não duvidarmos dessa misericórdia, S. João apresenta outra

maior, dizendo: 'A palavra de Deus se fez carne' (Jo 1, 14). Como quem diz: não deixes de acreditar que os homens nascem de Deus por adoção espiritual, mas tomai, como penhor desta maravilha, outra maior, que é o Filho de Deus ser feito homem, e filho de uma mulher”.

Visto de outra perspectiva, a intimidade com Jesus não é apenas intimidade com o Verbo Encarnado, mas também necessariamente com o Pai de quem procede e que O enviou a nós (a mim, descobre cada um, na perspectiva íntima e singular que estamos sublinhando). Assim, a intimidade com o Pai e a intimidade com o Filho crescem ao mesmo tempo; e a "distinção" em lidar com Eles cresce ao mesmo tempo, precisamente à medida que cresce a consciência viva de que sou filho do Pai no Filho, que sou mais Cristo...

Assim o sintetiza um conhecido texto de S. Josemaria Escrivá, que além disso, possui um grande paralelismo com o citado acima de Santa Teresa de Jesus, e também nos leva à segunda ideia prometida: “Se amamos Cristo assim, se com ousadia divina nos refugiamos na abertura que a lança deixou no Seu Lado, a promessa do Mestre será cumprida: '«Se alguém Me tem amor, há de guardar a minha palavra; e o Meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada (Jo 14, 23). O coração precisa, então, de distinguir e adorar cada uma das Pessoas divinas. De alguma forma, é uma descoberta, a que a alma faz na vida sobrenatural, como as de uma criaturinha que vai abrindo os olhos à existência. E entretém-se amorosamente com o Pai e com o Filho e com o Espírito Santo; e submete-se facilmente à atividade do Paráclito vivificante.”

De facto, por outro lado - e esta é a segunda ideia, inseparável da anterior, pois o mistério trinitário é indivisível -, o Espírito Santo é o Amor paterno-filial do Pai e do Filho, pelo qual sou feito filho de Deus em Jesus Cristo. O Paráclito não só me faz filho, me ensina a ser filho e me leva a viver como filho, mas, antes de tudo, e como causa disso, me faz participar do mesmo divino Amor paterno-filial em Cristo; e nessa participação, me mostra de maneira viva e experimental o que é o amor paterno de Deus em Jesus, porque Ele mesmo - o Espírito do Pai e do Filho - é esse Amor.

Portanto, também a intimidade que a alma busca e obtém com o Espírito Santo é necessariamente intimidade com o Pai e o Filho, na medida em que são e se amam como Pai e Filho, e na medida em que os três são Deus; e cresce a intimidade do cristão com o Espírito Santo como uma pessoa divina distinta, na medida em que está mais consciente do que significa ser filho do Pai no Filho pelo Espírito Santo.

Ouçamos, neste momento, Santa Catarina de Sena na sua oração: “Ó eterna Trindade, ó Divindade! Esta, a natureza divina, deu valor ao sangue do Teu Filho. Tu, Trindade eterna, és um mar profundo, onde quanto mais mergulho, mais encontro, e quanto mais encontro, mais Te procuro. És insaciável, porque enchendo-se a alma no Teu abismo, não se sacia, porque sempre fica com fome de Ti, Trindade eterna, desejando ver-Te com luz na Tua luz (...) Ó Trindade eterna, fogo e abismo de caridade! (...) Por ter experimentado e visto com a luz do entendimento a luz do Teu abismo e a beleza da criatura. Trindade eterna, portanto, olhando-me em Ti, vi que era imagem Tua, participante do Teu poder, Pai eterno e da Tua sabedoria no entendimento. Essa sabedoria é atribuída ao Teu Filho unigénito. O Espírito Santo, que procede de ti e do Teu Filho, deu-me a vontade, pois sou capaz de amar. Tu, Trindade eterna, és quem trabalha, e eu, Tua criatura. Sei que estás apaixonado pela beleza do Teu trabalho na nova criação que fizeste de mim através do sangue do Teu Filho. Ó abismo, ó Divindade eterna, ó Mar profundo! Que mais poderias dar-me do que dar-Te a Ti mesmo?”

5. A bondade do nosso Pai Deus

Em tudo o que foi dito até agora, fomos capazes de verificar como a consciência da filiação divina não apenas leva a uma generosa resposta de amor a Deus, mas também dá à alma luzes muito importantes sobre o próprio Deus; luzes que causam, é claro, um maior crescimento interior, mas também ajudam o teólogo no seu estudo científico sobre os mistérios divinos. Por este caminho desejo continuar a minha reflexão, aprofundando no binómio intimidade-grandeza com que se nos apresenta a paternidade divina.

Consciência da paternidade de Deus significa, já o sublinhámos, consciência de um amor pessoal do Pai, em Cristo e pelo Espírito Santo em relação a cada um dos Seus filhos e filhas individualmente. Isso significa, entre outras coisas, e é assim que os santos o sentem e expressam com particular vivacidade, um amor divino vivo, atual e operativo, contínuo e intenso, e ao mesmo tempo concreto, cheio de detalhes muito pessoais do amor de Deus a respeito de cada filho enquanto tal, em que a capacidade divina infinita de amar se adapta às condições e necessidades de cada um. E quanto maior for a correspondência da alma santa a esse amor, mais Deus Se esmera, por assim dizer, em surpreendê-la com finuras e delicadezas de amor, como o melhor dos pais e a melhor das mães.

Tudo isto proporciona ao santo uma compreensão particular da Bondade de Deus, que, longe de ser uma simples afirmação teórica, a vê manifestada dia após dia na sua própria vida, até que o comove profundamente. Assim, nos interligamos a uma das questões mais delicadas que a consciência do homem levanta quando se lhe apresenta a figura paternal de Deus: o problema do mal. Não é altura de entrar numa questão tão complexa e muitas vezes desconcertante e até traumática para o ser humano; mas sim de ressaltar, pelo menos, a perspectiva que abre a experiência dos santos para iluminar uma reflexão sobre o mal.

Poderíamos dizer que os santos abordam a questão a partir do interior do próprio Deus. Ou seja, não tentam ligar a experiência do mal no mundo com a certeza de fé da infinita bondade divina, buscando aquele equilíbrio complexo em que tantas vezes a reflexão filosófico-teológica embarca sem chegar a porto. Mas, ao contrário, veem tudo a partir dessa intimidade alcançada com a Trindade, em que a bondade divina é, acima de tudo, o próprio amor paterno-filial do qual foram chamados a participar; e o mundo e o homem são vistos da perspectiva de Deus, Criador e Redentor. E isso a tal ponto que, ao invés de tentar explicar o mal, parece que para eles desapareceu como um problema, porque não existe no próprio Deus.

É o que expressam, por exemplo, estas palavras de S. Tomás More à filha mais velha, na sua prisão na Torre de Londres: “Minha filha queridíssima, nunca se perturbe a tua alma por qualquer coisa que me possa

acontecer neste mundo. Nada pode acontecer, senão o que Deus quer. E tenho a certeza de que seja o que for, por pior que possa parecer, será realmente o melhor.”

E assim também o aplica S. Josemaria Escrivá a situações mais comuns, objetivamente menos dramáticas, mas nas quais uma alma cristã também pode passar por dificuldades e desconcertar-se: "Penas? Contradições por um acontecimento ou outro?... Não vês que o quer o teu Pai-Deus... e Ele é bom... e Ele ama-te - a ti! - mais do que todas as mães juntas no mundo podem amar os seus filhos?"

De facto, a partir dessa experiência de intimidade com Deus, é inquestionável que o que geralmente chamamos mal físico nunca é um mal verdadeiro; e, quanto ao único mal verdadeiro, o pecado, sempre aparece focado à luz da misericórdia divina e do bem que o próprio Deus continuamente tira dele.

6. Deus Pai Misericordioso

A misericórdia paterna de Deus, vista das próprias entranhas do Seu Amor e Bondade, tem uma força particular, com efeito, na consciência da filiação divina. Não posso deter-me agora em todas as suas implicações, mas posso sublinhar, na mesma linha que marcou a nossa reflexão, o que me parece mais decisivo na experiência dos santos: não é tanto a Misericórdia enquanto perdão o que contemplam, mas enquanto amor que não pode deixar de incluir o perdão; não é tanto que meu Pai me perdoe, mas que meu Pai me ama, e é por isso que me perdoa: que o Seu coração realmente se volta para mim como filho, para além da realidade concreta das minhas boas ou más obras.

Ousaria dizer que o santo mal vê o pecado como tal, mas apenas como um contraste que ajuda a calibrar até que ponto Deus o ama pessoalmente, sem condicionar o Seu amor à resposta fiel ou infiel do Seu filho. A parábola do filho pródigo, sobre o qual se está, com toda a razão, a falar e a escrever tanto ultimamente, é certamente emblemática nesse sentido. O filho mais novo da parábola busca, quando muito, o perdão, mas o que

encontra é o amor: amor paterno que inclui, é claro, perdão, mas vai muito além. O filho não recupera o pai, mas percebe que nunca o perdeu; que ele pode ser um mau filho, mas que o pai nunca pode deixar de ser um bom pai, porque realmente o ama, por ser quem é, no mais fundo e do mais fundo.

Entende-se assim que os santos se comovam a tal ponto que refletem, por exemplo, estas palavras de Santa Teresa de Jesus: “E quem, Senhor da minha alma, não se há de espantar de Misericórdia tão grande e piedade tão crescida a traição tão feia e abominável?; não sei como não se parte o meu coração quando escrevo isto, porque sou má”; ou estas outras de S. Josemaria Escrivá, referindo-se precisamente à reação do pai da parábola: “Estas são as palavras do livro sagrado: 'deu-lhe mil beijos' comia-o com beijos. Pode-se falar mais humanamente? Pode-se descrever de maneira mais gráfica o amor paternal de Deus pelos homens?”

A misericórdia geralmente aparece, de facto, na experiência e no ensino dos santos, como a grande prova do amor paternal divino, e também do coração do Seu Filho encarnado, que é a Sua imagem fiel: a manifestação mais comovedora, a mais consoladora, a mais terna.... Portanto, é um aspeto essencial para entender melhor tudo o que foi dito até agora e o que virá a seguir; e no caso particular dos santos, boa parte da sua compreensão do Amor divino e da sua generosa resposta à graça brota precisamente das suas experiências pessoais sobre a misericórdia viva e operativa de Deus.

Vamos dar outro passo. Como acabamos de ver na referência à parábola do filho pródigo, a Divina Misericórdia reforça a convicção de que todos nós nos encaixamos no Amor paterno de Deus: ninguém perde o carinho paterno, por mais pecaminoso que seja. Muito pelo contrário: tudo nos convida a pensar numa "predileção" divina pelo pecador. A tal ponto que santos como Santo Agostinho ou Santa Teresa do Menino Jesus falam da existência de uma misericórdia "preventiva" de Deus; porque intuem que, mesmo para o cristão que, em determinado momento, sinceramente, não tenha consciência de pecados graves, não pode deixar de ser verdade que Deus o ama muito, porque ele lhe perdoa muito (cf. Lc 7, 40-47).

Citemos as reflexões da santa de Lisieux: “Também sei que Jesus *me perdoou muito mais do que a Santa Maria Madalena*, porque me perdoou antecipadamente, impedindo-me de cair. Como eu gostaria de saber explicar o que penso...! Vou dar um exemplo. Suponhamos que o filho de um médico muito competente encontra no seu caminho uma pedra que o faz cair, e que na queda parte um membro. O seu pai vem imediatamente, levanta-o com amor e cura as suas feridas, usando todos os recursos da sua ciência; e logo o seu filho, totalmente curado, lhe mostra a sua gratidão. Que dúvida há que este filho tenha muitas razões para amar o pai!

“Mas farei outra suposição. O pai, sabendo que no caminho do seu filho há uma pedra, corre para ir diante dele e retira-a (sem que ninguém o veja). Certamente, o filho, objeto da ternura providente do pai, se **DESCONHECE** a desgraça de que o pai o libertou, não lhe manifestará a sua gratidão e amará menos do que se o tivesse curado... Mas se chega a saber do perigo de que acaba de se livrar, *não o amará ainda muito mais?*

“Bem, eu sou essa filha, objeto do amor providente de um Pai que não enviou o Verbo para resgatar os justos, mas os pecadores. Ele quer que O ame porque me *perdoou*, não muito, mas *tudo*. Não esperou que eu o *amasse muito*, como Santa Maria Madalena, mas quis que **EU SOUBESSE** até que ponto Ele me amou, com um amor de admirável prevenção, para que agora eu O ame com loucura...!”

7. A misericórdia do Pai e do Filho

Por outro lado, a compreensão de quão grande é o amor misericordioso de Deus Pai por cada um dos Seus filhos atinge o seu auge na contemplação do mistério da Cruz, visto não apenas pela comovedora entrega de Jesus pelos meus pecados, mas da generosidade do Pai que dá o Seu Filho e que recebe a entrega d'Este.

Isto é expresso, por exemplo, por Santo Agostinho, parafraseando São Paulo e São João: “Ó, como nos amaste, bom Pai, 'que não perdoaste o Teu Filho único, mas O entregaste por nós, ímpios!' (cf. Rm 8, 32) Ó, como nos amaste, fazendo-Se por nós ', que não tinha como usurpação ser igual a Ti,

obediente até à morte na cruz, sendo o único livre entre os mortos (cf. Fil 2, 6), tendo poder para dar a Sua vida e recuperá-la novamente (cf. Jo 10, 18). Por nós, se tornou diante de Ti vencedor e vítima e, portanto, vencedor, por ser vítima; por nós sacerdote e sacrifício diante de Ti e, portanto, sacerdote, por ser sacrifício, fazendo-nos para Ti de escravos filhos e nascendo de Ti para nos servir.”

Toda esta riqueza de evidências de Amor e Misericórdia Divina não faz mais que proporcionar novos impulsos às manifestações de tratamento filial, ousado e atrevido da alma que se deixa arrebatado e comover por Deus. Vamos ouvir novamente Santa Catarina de Sena na sua oração a Deus Pai:

“Ó Misericórdia, que procede da Tua divindade, Pai eterno, e que governa o mundo inteiro com o Teu poder! Na Tua misericórdia fomos criados, na Tua misericórdia fomos criados novamente pelo sangue do Teu filho; a Tua misericórdia nos preserva; a Tua misericórdia fez com que o Teu filho usasse os braços no madeiro da cruz para combater a morte com a vida e a vida com a morte (...) Ó Misericórdia! O coração sufoca ao pensar em Ti, porque onde quer que eu tente fixar o meu pensamento, não encontro nada além de Misericórdia. Ó Pai eterno! Perdoa a minha ignorância, mas o amor à Tua misericórdia desculpa-me perante a Tua benevolência.”

De facto, com relativa frequência, na oração dos santos, a consideração da Misericórdia do Pai e a de Jesus Cristo se misturam até que parecem confundir-se, e é uma das ocasiões em que Jesus é frequentemente tratado como Pai; É o caso, por exemplo, desta oração de Santo Afonso Maria de Ligório: “Vós mesmo, meu Jesus, que sois ofendido por mim, tornais-vos meu intercessor: 'E Ele é a propiciação pelos nossos pecados' (1 Jo 2, 2) Não quero, pois, fazer-vos esse novo agravo de desconfiar da Vossa Misericórdia. Arrependo-me com toda a minha alma de Vos ter desprezado, ó sumo Bem! Dignai-vos receber-me na Vossa graça por esse sangue derramado por mim. Pai... já não sou digno de me chamar filho (Lc 15:21). Não, Redentor e meu Pai, não sou digno de ser Vosso filho, por ter tantas vezes renunciado ao Vosso amor; mas Vós me fazeis digno com os Vossos méritos. Obrigado, Meu Pai, obrigado; amo-Vos”.

Reencontramos assim, de uma nova perspectiva, a estreita relação entre o Amor paterno de Deus e a doação redentora do Seu Filho, que nada mais é do que um reflexo do que o Filho recebe do Pai no seio da Trindade: toda a Sua realidade divina e, portanto, todo o Seu infinito Amor, o mesmo com o qual Pai, Filho e Espírito Santo nos amam e nos perdoam.

8. A proximidade de Deus

Para um itinerário contemplativo-reflexivo semelhante ao de que acabamos de falar sobre a Bondade e a Misericórdia, a intimidade divina que nasce da filiação divina vivida até às suas últimas consequências também nos dá luz sobre outros atributos divinos; e, aprofundando-os, a vida espiritual cresce novamente, desejando corresponder mais àquele inesgotável Amor divino.

A *imensidade* de Deus e a Sua *omnipresença*, por exemplo, aparecem assim como uma presença ativa, viva e eficaz de Deus em todos os Seus filhos; como uma realidade concreta, amorosa e íntima para a alma; uma presença de um Pai "interessado e ocupado" nas coisas do Seu filho, pequenas e grandes, transcendentais e episódicas. A alma realmente sente que o Seu Pai Deus só tem olhos para ela; e a sua vida em Cristo e a presença ativa do Espírito não deixam de lho recordar e de o mover a atuar em consequência.

Da mesma forma, a *Eternidade* divina é experimentada como a plenitude dessa presença e doação amorosa de Deus a cada um em cada momento, derramando no interior da alma toda a riqueza do Seu ser divino: uma participação no eterno entregar-se do Pai ao Filho e ao Espírito Santo. Não é uma eternidade fora do meu tempo, mas uma eternidade derramada no meu tempo, ao qual chega a proporcionar valor de eternidade; e em tudo isto, a Encarnação do Verbo desempenha novamente um papel decisivo, pois a alma descobre até que ponto Deus realmente Se importa com tudo o que é humano e temporal.

Toda esta realidade está subjacente, por exemplo, ao que é expresso neste ponto do *Caminho*, do qual já reproduzimos algumas palavras no

início: “É preciso convencemo-nos de que Deus está junto de nós continuamente. - Vivemos como se o Senhor estivesse lá longe, onde brilham as estrelas, e não consideramos que também está sempre ao nosso lado. E está como um pai amoroso - quer mais a cada um de nós do que todas as mães do mundo podem querer a seus filhos - ajudando-nos, inspirando-nos, abençoando... e perdoando. É necessário que nos embebamos, que nos saturemos de que é Pai e muito Pai nosso, o Senhor que está junto de nós e nos Céus.”

Ou a estas outras considerações e recomendações de Santa Teresa de Jesus: “Certamente podeis acreditar que onde está Sua Majestade está toda a glória. Pois vede o que Santo Agostinho diz que O buscava em muitos lugares e que veio encontrá-l'O dentro de si. Pensais que importa pouco a uma alma derramada entender esta verdade e ver que não é necessário para falar com Seu Pai Eterno ir ao céu nem regalar-se com Ele, nem precisa falar em voz alta? Enquanto fala, Ele está tão perto que nos ouvirá; nem é necessário procurá-l'O, mas colocar-se em solidão e olhá-l'O dentro de si e não ser surpreendido por um hóspede tão bom; mas com grande humildade falar com Ele como ao pai, pedir-lhe como ao pai, contar-lhe os seus trabalhos, pedir-lhe solução para eles, entendendo que ele não é digna de ser Sua filha ”.

De outra perspectiva, a eternidade de Deus como ausência de princípio e fim, também comove o santo pelo que significa prolongar infinitamente o amor de Deus por cada um. Assim o exprime S. Francisco de Sales: “Considera o amor eterno que Deus te manifestou, porque antes que a humanidade de Jesus Cristo sofresse por ti na Cruz, a Sua Divina Majestade tinha-te presente na Sua soberana bondade e amou-te desde o início. Mas, quando começou a amar-te? Quando começou a ser Deus. E quando começou a ser Deus? Nunca, porque não tem princípio nem fim; e, portanto, sempre te amou, desde toda a eternidade; e desde toda a eternidade te tinha preparado os favores e as graças que te concedeu.

Em estreita relação com o exposto, a *imutabilidade* deixa de ser um atributo fundamentalmente negativo, que parece distanciar Deus de nós, e se revela mais como uma vida cheia de intensa atividade, rica e perfeita,

que se transforma em cada alma com verdadeiro amor paterno. A tal ponto que, nessa intimidade filial, a alma sente, por exemplo, que Deus se "comove" ao ritmo das suas experiências pessoais, como todo o bom pai reage com amor paterno aos sentimentos, necessidades e inquietações do seu filho.

Certamente, Deus não se comove no sentido de sofrer uma mudança, mas enquanto vive com toda a intensidade do Seu amor infinito, a Sua relação connosco, como vivas e intensas são as relações no seio da Trindade. Ou seja, Deus realmente ama e "vive" o Seu amor por cada filho e filha; e, portanto, participa realmente de todas as suas vicissitudes, embora não as sofra no sentido em que essa expressão possa significar imperfeição.

Mesmo assim, o santo geralmente vai mais além; porque, através da Humanidade de Jesus Cristo, entende que Deus também quis aproximar-se dos aspetos passivos dessas experiências dos Seus filhos: quis "humanizar" o Seu amor, sem deixar de ser divino. E isso comove-o profundamente por duas razões: porque Deus está assim mais próximo, sem dúvida; mas também porque não deixa de ser Deus: porque - insistimos mais uma vez - o grandioso e comovente é, acima de tudo, que é meu Pai e meu Deus inseparavelmente; e que Jesus é o Homem-Deus que me abre os segredos da intimidade divina, sem reduzir nem um ápice de toda a Sua grandeza, entregando-no-la.

Vejamos isso de outro ângulo: a consciência da paternidade de Deus significa descobrir que Deus tem verdadeiros "sentimentos paternos", naquilo que têm da perfeição de amor; ações divinas que a alma apaixonada realmente sente como "novas", "diferentes" a cada momento dos seus íntimos relacionamentos com Deus, na medida em que se sabe amada como um filho concreto, diferente dos outros filhos, e a quem coisas diferentes acontecem todos os dias e todas as horas, que não são indiferentes a um amor verdadeiramente paterno e materno.

Somente dessa perspectiva se pode vislumbrar a profundidade teológica que existe nas considerações íntimas dos santos, como a que passo a

reproduzir a seguir, na boca de Santa Teresa do Menino Jesus, e a vencer a tentação de classificá-los superficialmente como, por exemplo, “ingenuidades piedosas demenina”:

“Formei uma ideia tão elevada do céu, que às vezes me pergunto como Deus conseguirá surpreender-me depois da minha morte. (...) De qualquer forma, penso que daqui em diante, se não me sentir suficientemente surpreendida, aparentarei está-lo para agradar a Deus. Não haverá perigo de deixá-l'O ver a minha decepção; saberei fazer os possíveis para que não perceba. De resto, sempre conseguirei ser feliz. Para conseguir isso, tenho os meus pequenos truques, que já conheces e que são infalíveis... Além disso, apenas ver Deus feliz será suficiente para que eu me sinta totalmente feliz.”

Pode-se, realmente, pretender "enganar" Deus assim? Pelo menos, atrevo-me a garantir, dando a volta ao texto da santa, que o Senhor conseguiu fazer Santa Teresinha parecer ter conseguido enganá-l'O; porque diante de uma alma tão fina, um coração paterno como o de Deus não pode mais que render-Se.

Por fim, sem tentar esgotar a lista de atributos divinos, observemos também como a onnipotência de Deus tira outra perspectiva dessa intimidade filial com Ele: não é um poder que me domina e me subjuga, mas está “ao meu serviço”, do qual até eu participo, porque sou filho e herdeiro, com todas as suas consequências. A Sua providência não é a de um vigilante ou controlador, nem - pior ainda - o de um bonecreiro que mexeu nos fios da minha vida como se eu fosse uma marioneta; mas a que refletem os desvelos de um Pai amoroso, contínua e intensamente preocupado com o bem dos Seus filhos; incluindo, acima de tudo, sua liberdade, doada na criação e reconquistada para nós por Jesus Cristo na Cruz.

9. Transcendência de Deus e intimidade filial

Em suma, a *transcendência divina*, para uma alma plenamente consciente do que significa ser filho de Deus, não é distanciamento e

desinteresse, mas proximidade e intimidade: consciência de que toda essa grandeza de Deus, que por si só parece inatingível e inalcançável, se coloca ao alcance do filho, não porque este a alcance, mas porque Ele a dá como um verdadeiro Pai amoroso.

Esta é a convicção subjacente a estas frases retiradas de uma carta de Santa Teresa dos Andes a uma amiga sua: “Acredita-me. Sinceramente to digo; dantes pensava que era impossível apaixonar-me por um Deus a quem não via; a quem não podia acariciar. Hoje, porém, afirmo com o coração na mão que Deus compensa plenamente esse sacrifício. De tal maneira, se sente esse amor, aquelas carícias de Nosso Senhor, que parece tê-l'O ao seu lado. Tão intimamente O sinto unido a mim, que não posso desejar mais, exceto a visão beatífica no céu. Sinto-me cheia d'Ele e, neste instante, estreito-O contra o meu coração, pedindo-Lhe que te faça conhecer as delícias do Seu amor. Não há separação entre nós. Onde quer que eu vá, Ele está comigo dentro do meu pobre coração. É na casinha d'Ele que eu moro; é o meu céu aqui na terra.

Esta última expressão (“céu na terra”), referente à alma, é tomada pela santa chilena dos escritos da Beata Isabel da Trindade, que a utiliza com grande frequência e a explica assim: “Pai nosso, que estais no céu (Mt 6, 9). Nesse pequeno céu que Ele criou no centro da nossa alma é onde devemos procurá-l'O e, sobretudo, onde devemos habitar (...) 'adoremo-l'O em espírito e em verdade' (cf. Jo 4, 23). Isto é, por Jesus Cristo e em Jesus Cristo, porque só Ele é o verdadeiro adorador em espírito e em verdade. Seremos então filhas de Deus e conheceremos por experiência própria a verdade dessas palavras de Isaías: 'Os seus filhinhos serão levados ao colo, e acariciados sobre os seus regaços.' (1 Is 66, 12). De facto, a única ocupação de Deus parece ser encher a alma de carícias e provas de amor como uma mãe cria o seu filho e o alimenta com o seu leite. Ó! Vamos continuar a escutar a voz misteriosa do nosso Pai. 'Minha filha, diz-nos, dá-me o teu coração' (cf. Pv 23, 26).”

Contudo, a mesma ideia de “céu na terra” pode ser vista de outra perspectiva enriquecedora, como a proposta por S. Josemaria Escrivá na homilia pronunciada neste campus universitário em 1967: “Asseguro-vos,

meus filhos, que, quando um cristão realiza com amor a mais intrasendente das ações diárias, ela transborda da transcendência de Deus. Por isso vos tenho repetido, com insistente martelar, que a vocação cristã consiste em fazer poesia heroica da prosa de cada dia. Na linha do horizonte, meus filhos, parecem unir-se o céu e a terra. Mas não; onde se juntam de veras é nos vossos corações, quando viveis santamente a vida de cada dia...”

A intimidade do relacionamento paterno-filial com Deus é assim projetada em toda a realidade que rodeia a vida do cristão: no mundo visto pela Bondade do seu Criador, que é nosso Pai e que no-lo deu como herança. Isso explica o título que o fundador desta universidade deu à homilia citada: "Amar o mundo apaixonadamente", tão apaixonadamente quanto amamos o nosso Pai Deus.

Parece-me importante, neste momento já avançado da nossa reflexão, apontar outra realidade profundamente sentida pelos santos (também presente nos textos citados), mas nem sempre bem compreendida em algumas reflexões especulativas sobre o assunto. Transcendência divina significa verdadeira intimidade, sim, mas com "Outro"; ainda mais: o maravilhoso para o santo é que, sendo Deus quem é, seja meu Pai, Se una a mim; e que, unido a mim, permaneça quem é. É um amor e uma união de dois: o Pai não é o filho e o filho não é o Pai; e, além disso, eu sou o filho porque Ele quis livremente constituir-me como tal.

É uma divinização que não é confusão; mais ainda, a alma santa intui que, se houvesse algum tipo de mistura ou confusão, não seria um amor genuíno, porque não receberia tanto, merecendo tão pouco: já não seria o tudo que se derrama no nada; e intui também que, se houvesse igualdade de "condições" com Deus, esse amor perderia o encanto.

Pessoalmente, apesar da pobreza de qualquer comparação desse estilo, ajuda-me a entender e explicar esse sentimento íntimo dos santos diante do amor de Deus que supera o abismo aberto pela sua condição humana e a sua miséria pessoal, a imagem repetida de diversas formas na literatura, da pobre donzela por quem um grande príncipe se apaixona, ou do mendigo

desprezado por todos que descobre um bom dia, com grande espanto, que o seu verdadeiro pai é o rei.

Aproveitemos este momento também para notar que, em tudo o que foi dito até agora, há uma atitude fundamental por parte do filho de Deus, uma atitude que é uma virtude básica no caminho da vida interior: a humildade. A filiação eleva-me a níveis insuspeitados de intimidade com Deus e de divinização, sim; mas porque Deus Se faz meu, não porque eu deixo de ser criatura, nem pecador, ou miserável. Além disso, quanto mais íntima é essa união com a Trindade, mais a alma santa sente, ao mesmo tempo, o abismo que a separa de Deus, e mais valoriza, conseqüentemente, o Seu amor e a Sua misericórdia; voltando assim a começar outro ciclo de enamoramento e resposta de amor, nessa apaixonante espiral que leva à santidade.

10. Consciência da filiação divina e caminho para a santidade

Estamos a chegar ao fim da nossa reflexão, mas não quero deixar de mencionar brevemente outros dois aspetos que parecem decisivos no entendimento da vida espiritual à luz da filiação divina. O primeiro, que esteve amplamente presente em toda a apresentação, deriva das conhecidas palavras que encerram a primeira parte do sermão da montanha: "Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é perfeito" (Mt 5, 48).

Ao falar sobre o chamamento universal à santidade, é habitual o recurso a essa citação, entre outras referências bíblicas. No entanto, ao desenvolver o que esse chamamento implica na vida cristã, o acento às vezes é colocado - com verdade, mas, na minha opinião, demasiado unilateralmente - na imitação de Jesus Cristo. Pelo contrário, parece-me que a referência explícita que o próprio Jesus faz ao Pai neste momento abre outras perspectivas enriquecedoras sobre o que significa a santidade cristã que todos procuramos e como alcançá-la.

Com efeito, essas palavras do Senhor falam-nos da grandeza e maravilha da meta, sem rebaixá-lo um ápice e, ao mesmo tempo, aumentam a nossa confiança e desejo de alcançá-la: se não fosse o meu Pai, a sua perfeição seria inatingível; se não fosse Deus, a minha confiança vacilaria e

o meu desejo não buliria, pois a meta não seria tão maravilhosa e apetecível; a mais apetecível de todas.

De facto, algo paralelo ocorre quando refletimos sobre a imitação de Jesus Cristo, que não pode ser separado do Seu Pai: se não fosse um homem como eu, quão difícil seria segui-l'O!; e se não fosse Deus, que pouco poder teria para me ajudar e que pouco encorajamento encontraria em ser Seu discípulo. E outra consideração semelhante pode ser feita ao meditar sobre o que significa ser templos do Espírito Santo e ser guiados por Ele no nosso caminho de santidade.

Mas, fazendo estas considerações paralelas, parece-me que não se devem redirecionar umas às outras, sem deturpar a própria realidade do mistério trinitário e da nossa participação nele: sou realmente filho de Deus - do Pai, no Filho, pelo Espírito Santo - , e a minha santidade brota daí e deve crescer nessas mesmas coordenadas trinitárias, até uma meta agora apenas entrevista, mas que continuará a ser divino-trinitário: “Caríssimos, agora já somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. O que sabemos é que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é.” (1 Jo 3, 2).

Assim, em particular, à medida que cresce a consciência dessa relação paterno-filial com Deus, a alma corre: voa para a santidade... Escreve a Beata Isabel da Trindade, depois de citar o fragmento de S. João que acabamos de reproduzir: “Aqui está o módulo da santidade dos filhos de Deus: ser santo como Deus é santo; ser santo com a santidade de Deus e viver intimamente com Ele no fundo do abismo sem fundo, dentro do nosso ser.”

11. Paternidade de Deus e Maternidade de Maria

A nossa última consideração vai-nos levar da paternidade divina à maternidade mariana. Mas demos a palavra a S. Luis Maria Grignon de Montfort: “Deus Pai entregou o Seu Unigénito ao mundo somente através de Maria (...) O mundo era indigno - diz Santo Agostinho - de receber imediatamente o Filho de Deus das mãos do Pai, que O entregou a Maria

para que o mundo O recebesse através d'Ela. Deus Filho, fez-Se homem para nossa salvação, mas em Maria e através de Maria. Deus Espírito Santo formou Jesus Cristo em Maria, mas depois de Lhe pedir o seu consentimento por meio de um dos primeiros ministros da Sua corte.”

De acordo com estas considerações, queremos sublinhar a relação entre a paternidade divina e a maternidade mariana, que, a partir dessa relação única de Santa Maria com a Trindade, é derramada sobre nós. De facto, assim como insistimos em contemplar a consciência da filiação divina como uma compreensão da paternidade de Deus, queremos ressaltar a conveniência de nãoconsiderar Maria apenas como modelo de filiação, nem simplesmente contemplar a Sua maternidade espiritual a partir do Seu relacionamento maternal com Jesus Cristo, mas também do Seu relacionamento singular com o Pai enquanto Pai de Jesus, e com o Espírito Santo enquanto elo de ligação no seio da Trindade.

Como consequência desta consideração, no amor maternal de Maria, sentiremos e entenderemos melhor, de maneira viva e muito "humana", o amor paterno de Deus, do qual ela participa de maneira singular; e particularmente nas suas manifestações "maternais": aquelas que precisamente serviram como ponto de partida para a nossa apresentação e reapareceram várias vezes ao longo dela, na boca dos santos. Vamos ouvir um deles novamente, este grande mestre do amor a Maria que acabamos de mencionar:

“Esta Mãe do Amor Formoso removerá do teu coração todo o escrúpulo e temor servil e desordenado, e o abrirá e ampliará para correr pelos mandamentos do Seu Filho com a santa liberdade dos filhos de Deus, e inflamar na alma o puro amor, cuja tesoureira é Ela. De modo que no teu comportamento com o Deus-Caridade já não te governarás - como até agora - por temor, mas por puro amor. Olhá-l'O-ás como a teu Pai bondoso, esforçar-te-ás para Lhe agradar incessantemente e dialogarás com Ele confidencialmente como um filho com o seu Pai carinhoso. Se, por desgraça, chegasses a ofendê-l'O, humilhar-te-ás diante d'Ele, e Lhe pedirás perdão humildemente, estender-Lhe-ás a mão com simplicidade, levantar-

te-ás de novo amorosamente, sem constrangimento ou inquietação, e continuarás a caminhar para Ele, sem te desencorajares”.

Javier Sesé

Novos mediterrâneos (1): «Aquela primeira oração de filho de Deus»

O sentido da filiação divina muda tudo, como mudou a vida de S. Josemaría quando descobriu, inesperadamente, esse Mediterrâneo.



«São momentos, minhas filhas e meus filhos, para nos metermos cada vez mais por «caminhos de contemplação» no meio do mundo»[1]. Com estas palavras o prelado do Opus Dei indica uma das prioridades do momento atual. O apostolado dos cristãos é, hoje como sempre, «uma superabundância da nossa vida interior»[2]. Por um lado, porque consiste em comunicar precisamente essa Vida; por outro, porque para propor a fé ao mundo é necessário compreendê-la e vivê-la em profundidade. Trata-se, em resumo, como nos indicou S. Josemaría, de «penetrarmos na profundidade do Amor de Deus, para assim poder, com a palavra e com as obras, mostrá-lo aos homens»[3].

Este caminho *para dentro* tem uma peculiaridade. Não transita de um lugar conhecido para outro desconhecido: consiste, antes, em aprofundar

aquilo que já se conhece, aquilo que parece óbvio, de tão ouvido. *Descobre-se* então algo que, na realidade, se sabia, mas que agora se entende com uma força e uma profundidade novas. S. Josemaría refere-se a essa experiência falando de diferentes «Mediterrâneos» que se foram abrindo diante dos seus olhos de maneira inesperada. Assim o expõe, por exemplo, em *Forja*:

«Na vida interior, como no amor humano, é preciso ser perseverante. Sim, tens que meditar muitas vezes os mesmos argumentos, insistindo até descobrir um novo Mediterrâneo. – E como não vi antes isso assim tão claro? perguntas-te surpreendido. – Simplesmente, porque às vezes somos como as pedras, que deixam resvalar a água, sem absorver nem uma gota.» – Por isso, é necessário voltar a discorrer sobre o mesmo – que não é o mesmo! – para nos empaparmos das bênçãos de Deus»[4].

«Discorrer sobre o mesmo» para tentar abrir-nos a toda a sua riqueza e descobrir assim «que não é o mesmo!». Esse é o caminho de contemplação a que somos chamados. Trata-se de sulcar um mar que, à primeira vista, não tem nada de novo, porque já faz parte da nossa paisagem quotidiana. Os romanos chamavam ao Mediterrâneo *Mare nostrum*: tratava-se do mar conhecido, do mar com que conviviam. S. Josemaría fala de descobrir Mediterrâneos porque, quando entramos nos mares que pensamos conhecer bem, abrem-se diante dos nossos olhos horizontes amplos, insuspeitados. Podemos dizer então ao Senhor, com palavras de Santa Catarina de Sena: «és como um mar profundo, no qual quanto mais procuro mais encontro, e quanto mais encontro mais Te procuro»[5].

Estas descobertas respondem a luzes que Deus dá quando e como quer. Contudo, a nossa consideração pausada põe-nos na disposição de receber essas luzes do Senhor. «É como aquele que primeiro estava nas trevas e depois vê de repente o sol que lhe ilumina a cara, e distingue claramente o que até então não via, do mesmo modo aquele que recebe o Espírito Santo fica com a alma iluminada»[6]. Nos artigos seguintes lembraremos alguns destes Mediterrâneos que S. Josemaría descobriu na sua vida interior, para penetrarmos com ele «na profundidade do Amor de Deus».

Abba Pater!

Uma das convicções mais arraigadas nos primeiros cristãos era que podiam dirigir-se a Deus como filhos amados. O próprio Jesus tinha-os ensinado: «Vós, pois, orai assim: Pai nosso que estais no Céu...» (*Mt 6,9*). Ele tinha-se apresentado diante dos judeus como o Filho amado do Pai e tinha ensinado os seus discípulos a comportarem-se de igual modo. Os apóstolos tinham-n’O ouvido a dirigir-se a Deus com o termo que usavam as crianças hebraicas para se dirigirem aos seus pais. E, ao receber o Espírito Santo, eles próprios tinham começado a usar essa fórmula. Tratava-se de algo radicalmente novo, relativamente à piedade de Israel, mas S. Paulo refere-o como algo comum e conhecido por todos: «recebestes um Espírito de filhos de adoção, no qual clamamos: “*Abbá, Pai!*”. Pois o próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus» (*Rm 8,15-16*). Era uma convicção que os enchia de confiança e lhes dava uma audácia insuspeitada: «se somos filhos, também somos herdeiros: herdeiros de Deus, coerdeiros de Cristo» (*Rm 8,17*). Jesus não é apenas o Unigénito do Pai, mas também o primogénito de muitos irmãos (cfr. *Rm 8,29; Col 1,15*). A Vida nova, trazida por Cristo, apresentava diante dos seus olhos como uma vida de filhos amados de Deus. Esta não era uma verdade teórica ou abstrata, mas algo real que os enchia de uma alegria transbordante. Boa demonstração disso é o grito que se escapa ao apóstolo São João na sua primeira carta: «Olhai que amor nos teve o Pai para nos chamarmos filhos de Deus e somo-lo de facto!» (*1 Jo 3,1*). A paternidade de Deus, o seu amor singularíssimo e terno por cada um, é algo que nós, os cristãos, aprendemos desde pequenos. E, no entanto, somos chamados a descobri-lo de um modo pessoal e vivo, que chegue a transformar a nossa relação com Deus. Ao fazê-lo, abre-se diante dos nossos olhos um Mediterrâneo de paz e confiança, um horizonte imenso que poderemos aprofundar ao longo de toda a vida. Para S. Josemaría, foi um achado inesperado, a repentina abertura de um panorama que na realidade se encontrava como que escondido em algo que conhecia bem. Era o outono de 1931; recordava-o muitos anos depois: «Poderia dizer-vos até o quando, até o momento, até onde foi aquela primeira oração de filho de Deus. Aprendi a chamar Pai, no Pai Nosso, desde criança; mas sentir, ver, admirar

esse querer de Deus de que sejamos seus filhos..., na rua e num elétrico – uma hora, hora e meia, não o sei; *Abba, Pater!*, tinha que gritar»[7].

Nos meses seguintes, S. Josemaria voltou repetidamente a esse ponto. No retiro que fez um ano mais tarde, apontava, por exemplo: «Primeiro dia. Deus é meu Pai. – E não saio desta consideração»[8]. O dia inteiro a considerar a Paternidade de Deus! Embora à partida uma contemplação tão dilatada no tempo nos possa surpreender, de facto mostra a profundidade com que entrou nele a experiência da filiação divina. Também a nossa primeira atitude, na oração e, em geral, ao dirigirmo-nos a Deus, deve basear-se num confiado abandono e agradecimento. Para que o nosso trato com Deus adquira esta forma, convém descobrir pessoalmente, uma vez mais, que Ele quis ser nosso Pai.

Quem é Deus para mim?

Como S. Josemaria, talvez tenhamos aprendido muito pequenos que Deus é Pai, mas talvez nos reste um bom trecho de caminho para *viver* a nossa condição de filhos em toda a sua radicalidade. Como podemos facilitar essa descoberta?

Em primeiro lugar, para descobrir a paternidade de Deus, é necessário muitas vezes *restaurar a Sua autêntica imagem*. Quem é Ele para mim? De modo consciente ou inconsciente, há quem pense em Deus como Alguém que impõe leis e anuncia castigos para os que não as cumpram; Alguém que espera que se acate a sua vontade e se enfurece diante da desobediência; numa palavra, um Amo de que nós não seríamos mais do que involuntários súbditos. Noutros casos – sucede também a alguns cristãos – Deus é entendido fundamentalmente como o motivo pelo qual é necessário portar-se bem. Pensa-se n'Ele como a razão pela qual cada um se move para onde realmente não *quer*, mas *deve* ir. No entanto, Deus «não é um Dominador tirânico, nem um Juiz rígido e implacável: é nosso Pai. Fala-nos dos nossos pecados, dos nossos erros, da nossa falta de generosidade: mas é para nos livrar deles, para nos prometer a sua Amizade e o seu Amor»[9].

A dificuldade para entender que «Deus é Amor» (1 Jo 4,8) deve-se, por vezes, também à crise por que passa a paternidade em diversos países. Talvez o tenhamos comprovado ao falar com amigos ou companheiros: os seus pais não lhes trazem boas recordações e um Deus que é Pai não lhes parece particularmente atrativo. Ao propor-lhes a fé, é bom ajudá-los a ver como a sua dor por essa carência mostra até que ponto trazem a paternidade inscrita no coração: uma paternidade que os precede e os chama. Um amigo, um sacerdote, podem ajudá-los, com a sua proximidade, a descobrir o amor do «Pai de quem toma nome toda a família nos céus e na terra» (Ef 3,14) e a experimentar essa ternura também na «vocação de guardião»[10] que palpita dentro de cada um, e que abre caminho no pai ou na mãe que *eles mesmos já são*, ou que querem ser um dia. Assim podem ir descobrindo no fundo da sua alma o autêntico rosto de Deus e a maneira como nós, seus filhos, somos chamados a viver, sabendo-nos olhados por Ele com infinito carinho. Com efeito, um pai não ama o filho pelo que *faz*, pelos seus resultados, mas simplesmente *porque é seu filho*. Ao mesmo tempo, lança-o ao mundo e procura retirar o melhor dele, mas partindo sempre do muito que vale aos seus olhos.

Pode ser útil considerá-lo, em particular, nos momentos de fracasso, ou quando a distância entre a nossa vida e os *modelos* que nos apresenta o mundo em que vivemos nos levem a ter uma baixa consideração por nós próprios. «Esta é a nossa «estatura», esta é a nossa identidade espiritual: somos os filhos amados de Deus, sempre. (...) Não se aceitar, viver descontentes e pensar de modo negativo significa não reconhecer a nossa identidade mais verdadeira. É como voltar-se para o outro lado quando Deus quer pousar o seu olhar sobre mim, é querer apagar o sonho que Ele tem para mim. Deus ama-nos assim como somos, e nenhum pecado, defeito ou erro O fará mudar de ideia»[11].

Darmo-nos conta de que Deus é Pai vaia a par com deixar-nos olhar por Ele *como filhos muito amados*. Deste modo, compreendemos que o nosso *valor* não depende do que tenhamos – os nossos talentos – ou do que façamos – os nossos êxitos – mas do Amor que nos criou, que *sonhou* connosco e nos *afirmou* «antes da fundação do mundo» (Ef 1,4). Perante a fria ideia que, por vezes, o mundo contemporâneo faz de Deus, Bento XVI

quis recordar desde o início do seu pontificado que «não somos o produto casual e sem sentido da evolução. Cada um de nós é o fruto de um pensamento de Deus. Cada um de nós é querido, cada um é amado, cada um é necessário»[12]. Esta ideia realmente afeta a nossa vida diária?

A confiada esperança dos filhos de Deus

S. Josemaria recordava com frequência aos fiéis do Opus Dei que «o fundamento da nossa vida espiritual é o sentido da nossa filiação divina»[13]. Comparava-o ao «fio que une as pérolas de um grande colar maravilhoso. A filiação divina é o fio, e aí se vão unindo todas as virtudes, porque são virtudes de filho de Deus»[14]. Por isso é crucial pedir a Deus que nos abra esse Mediterrâneo, que apoia e dá forma a toda a nossa vida espiritual.

O *fio* da filiação divina traduz-se «numa atitude quotidiana de abandono esperançado»[15], uma atitude que é própria dos filhos, especialmente quando são pequenos. Por isso na vida e nos escritos de S. Josemaria, a filiação divina é frequentemente unida à infância espiritual. Certamente, o que importam as sucessivas quedas ao menino que está a aprender a andar de bicicleta? Não valem nada, desde que veja o pai perto, animando-o a voltar a tentar. Nisso consiste o seu abandono esperançado: «O Papá diz que posso... para a frente!».

Saber-nos filhos de Deus é também a segurança sobre a qual nos apoiamos para levar a cabo a missão que o Senhor nos confiou: Sentir-nos-emos como aquele filho a quem o seu pai diz: «Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha» (Mt 21,28). Talvez nos assalte primeiro a insegurança, ou mil ocorrências de diverso tipo. Mas logo a seguir consideraremos que é o nosso Pai que nos pede, demonstrando-nos uma imensa confiança. Como Cristo, aprenderemos a abandonar-nos nas mãos do Pai e dizer-Lhe do fundo da nossa alma: «não se faça o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Mc 14,36). S. Josemaria ensinou-nos com a sua vida a comportarmo-nos deste modo, à imagem de Cristo: «Ao longo dos anos, procurei apoiar-me sem desfalecimentos nessa gozosa realidade. Em todas as circunstâncias, a minha oração tem sido a mesma com tonalidades diferentes. Tenho-Lhe

dito: Senhor, Tu colocaste-me aqui; Tu confiaste-me isto ou aquilo e eu confio em Ti. Sei que és meu Pai e tenho visto sempre que as crianças confiam absolutamente nos pais»[16]. Não podemos negar que haverá dificuldades. Mas encará-las-emos com a consciência de que, aconteça o que acontecer, esse Pai todo-poderoso nos acompanha, está ao nosso lado e vela por nós. Ele fará o que nos propomos, porque afinal de contas é obra sua; fá-lo-á, talvez, de um modo diferente, mas mais fecundo. «Quando te abandones verdadeiramente no Senhor, aprenderás a contentar-te com o que venha e a não perder a serenidade, se as tarefas – apesar de teres posto todo o teu empenho e os meios oportunos – não saem a teu gosto... Porque terão “saído” como convém a Deus que saiam»[17].

Cultivar o «sentido da filiação divina»

S. Josemaria, convém notá-lo, não indicava como fundamento do espírito do Opus Dei a *filiação divina*, mas o *sentido* da filiação divina. Não basta *ser* filhos de Deus, mas que temos de *nos saber* filhos de Deus, de tal modo que a nossa vida adquira esse *sentido*. Ter essa segurança no coração é o fundamento mais sólido; a verdade da nossa filiação divina converte-se então em algo operativo, com repercussões concretas na nossa vida.

Para cultivar tal *sentido*, é bom *aprofundar* nessa realidade com a cabeça e com o coração. *Com a cabeça*, primeiro, meditando na oração as passagens da Escritura que falam da paternidade de Deus, da nossa filiação, da vida dos filhos de Deus. Esta meditação pode receber luz dos muitos textos de S. Josemaria sobre a nossa condição de filhos de Deus[18], ou das reflexões de outros santos e escritores cristãos[19].

Com o coração podemos aprofundar na nossa condição de filhos de Deus recorrendo ao Pai confiadamente, abandonando-nos no seu Amor, atualizando com ou sem palavras a nossa atitude filial e procurando ter sempre presente o Amor que Ele nos tem. Um modo de o fazer é recorrer a Ele com breves invocações ou jaculatórias. S. Josemaria sugeria: «Chama-Lhe Pai muitas vezes ao dia, e diz-lhe – a sós, no teu coração – que O amas, que O adoras: que sentes o orgulho e a força de ser seu filho»[20]. Podemos também recorrer a alguma breve oração que nos ajude a enfrentar o dia com

a segurança de nos sentirmos filhos de Deus, ou a terminá-lo, com agradecimento, contrição e esperança. O Papa Francisco propunha esta aos jovens: «“Senhor, dou-te graças porque me amas; tenho a certeza de que me amas; faz com que me enamore da minha vida”. Não dos meus defeitos, que há que corrigir, mas da vida, que é um grande presente: é o tempo para amar e ser amado»[21].

Voltar à casa do Pai

Descreveu-se a família como «o lugar a que se volta», onde encontramos conforto e descanso. É-o de modo particular enquanto «santuário do amor e da vida»[22], como gostava de dizer S. João Paulo II. Aí reencontramos o Amor que dá sentido e valor à nossa vida, porque está na sua própria origem.

De igual modo, sentirmo-nos filhos de Deus permite-nos voltar a Ele confiadamente quando estamos cansados, quando nos trataram mal ou nos sentimos feridos... ou também quando O ofendemos. *Voltar ao Pai* é outro modo de viver nessa atitude de «abandono esperançado». Convém meditar frequentemente a parábola do pai que tinha dois filhos recolhida por S. Lucas (Cfr. *Lc* 15,11-32): «Deus espera-nos, como o pai da parábola, de braços abertos, ainda que o não mereçamos. Não importa a nossa dívida. Como no caso do filho pródigo, é apenas preciso que abramos o coração, que tenhamos saudades do lar do nosso Pai, que nos maravilhemos e nos alegremos diante do dom que Deus nos faz de nos podermos chamar e de ser, apesar de tanta falta de correspondência da nossa parte, verdadeiramente seus filhos»[23].

Aquele filho talvez não tenha pensado na dor que tinha causado ao Pai: tinha saudades, sobretudo, do bom trato que recebia na casa paterna (cfr. *Lc* 15,17-19). Dirige-se para lá com a ideia de não ser senão *um servo* entre outros. No entanto, o pai recebe-o – vai ao seu encontro, lança-se-lhe ao pescoço e cobre-o de beijos! – recordando-lhe a sua identidade mais profunda: *é seu filho*. A seguir dispõe que lhe devolvam as vestes, as sandálias, o anel... os sinais dessa filiação que nem sequer o seu mau comportamento não podia apagar. «Afinal de contas tratava-se do próprio

filho e tal relação não podia ser alienada, nem destruída por nenhum comportamento»[24].

Embora, por vezes, possamos ver Deus como um Amo de quem somos servos, ou como um frio Juiz, Ele mantém-se fiel ao seu Amor de Pai. A possibilidade de nos aproximarmos d’Ele depois de ter caído é sempre uma ocasião magnífica para O descobrir. Ao mesmo tempo, isso revela-nos a nossa própria identidade. Não se trata somente de que Ele tenha decidido amar-nos, porque sim, mas de que verdadeiramente *somos* – por graça – *filhos de Deus*. *Somos* filhos de Deus e nada, nem ninguém, poderá jamais roubar-nos essa dignidade. Nem sequer nós mesmos. Por isso, diante da realidade da nossa debilidade e do pecado – consciente e voluntário – não deixemos que nos invada a desesperança. Como salientava S. Josemaria, «essa conclusão não é a última palavra. A última palavra tem-na Deus, e é a palavra do seu amor salvador e misericordioso e, portanto, a palavra da nossa filiação divina»[25].

Ocupados em amar

O *sentido* da filiação divina muda tudo, como mudou a vida de S. Josemaria quando descobriu inesperadamente esse Mediterrâneo. Que diferente é a vida interior quando, em lugar de a basear nos nossos avanços ou nos nossos propósitos de melhoria, a centramos no Amor que nos precede e nos espera! Se se dá prioridade ao que o próprio *faz*, a sua vida espiritual gira quase exclusivamente em torno da melhoria pessoal. A longo prazo, este modo de viver arrisca não só a deixar o amor de Deus esquecido numa esquina da alma, mas também a conduzir ao desânimo, porque se trata de uma luta na qual se está só diante do fracasso.

Quando, pelo contrário, nos centramos no que *Deus faz*, em nos deixarmos amar todos os dias por Ele, acolhendo diariamente a sua Salvação, a luta adquire outra forma. Se saímos vencedores, dar-se-á passagem com grande naturalidade ao agradecimento e ao louvor; se caímos derrotados, o nosso trato com Deus consistirá em regressar confiadamente ao Pai, pedindo perdão e deixando-nos abraçar por Ele. Entende-se assim que «a filiação divina não é uma virtude particular, que

tenha os seus próprios atos, é antes a condição permanente do sujeito das virtudes. Por isso, não se age como filho de Deus executando determinadas ações: toda a nossa atividade, o exercício das nossas virtudes, pode e deve ser exercício da filiação divina»[26].

Não há derrota para quem deseja acolher todos os dias o Amor de Deus. Mesmo o pecado pode converter-se em ocasião de recordar a nossa identidade de filhos e de voltar ao Pai, que insiste em sair ao nosso encontro clamando: «Filho, meu filho!». Dessa mesma consciência nascerá – como nascia em S. Josemaria – a força de que necessitamos para voltar a caminhar atrás do Senhor: «Sei que vós e eu, decididamente, com o resplendor e a ajuda da graça, veremos que coisas há que queimar e as queimaremos; que coisas há que arrancar e as arrancaremos; que coisas há que entregar e as entregaremos»[27]. Mas fá-lo-emos sem angústia e sem desânimo, procurando não confundir o ideal da vida cristã com o perfeccionismo[28]. Viveremos, assim, penderes do Amor que Deus nos tem, ocupados em amar. Seremos como filhos pequenos que descobriram um pouco do amor do seu Pai e que lho querem agradecer de mil modos e corresponder com todo o amor – pouco ou muito – que são capazes de expressar.

Lucas Buch

NOTAS

[1] F. Ocariz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 30.

[2] *Ibidem*. Cfr. S. Josemaria, *Caminho*, n. 961; *Amigos de Deus*, n. 239.

[3] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 97.

[4] S. Josemaria, *Forja*, n. 540, Editora Quadrante.

[5] Santa Catarina de Sena, *Diálogo*, c. 167.

[6] S. Cirilo de Jerusalém, *Catequesis* 16, 16.

[7] S. Josemaria, Meditação de 24-XII-1969 (em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. 1, Rialp, Madrid 1997, p. 390).

[8] S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, n. 1637 (em A. Vázquez de Prada, *El Fundador del Opus Dei*, vol. 1, p. 465).

[9] *Cristo que passa*, n. 64.

[10] Francisco, Homilia na Missa de início do pontificado, 19-III-2013.

[11] Francisco, Homilia, 31-VII-2016.

[12] Bento XVI, Homilia na Missa de início do pontificado, 24-IV-2005.

[13] S. Josemaria, *Carta 25-I-1961*, n. 54 (em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, vol. 2, Rialp, Madrid 2013, p. 20, nota 3).

[14] S. Josemaria, *Apontamentos da pregação*, 6-VII-1974, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, vol. 2, p. 108.

[15] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 8.

[16] *Amigos de Deus*, n. 143.

[17] S. Josemaria, *Sulco*, n. 860.

[18] Cfr. p.ej. F. Ocáriz, “Filiación divina” em *Diccionario de san Josemaría Escrivá de Balaguer*, Monte Carmelo, Burgos 2013, pp. 519-526.

[19] O ano jubilar da Misericórdia permitiu redescobrir alguns deles. Cfr. Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, *Misericordiosos como o Pai. Subsídios para o Jubileu da Misericórdia 2015-2016*.

[20] *Amigos de Deus*, n. 150.

[21] Francisco, Homilia, 31-VII-2016.

[22] S. João Paulo II, Homilia, 4-V-2003.

[23] *Cristo que passa*, n. 64.

[24] S. João Paulo II, Enc. *Dives in Misericordia* (30-XI-1980), n. 5.

[25] *Cristo que passa*, n. 66.

[26] F. Ocáriz – I. de Celaya, *Vivir como hijos de Dios*, Eunsa, Pamplona 1993, p. 54.

[27] *Cristo que passa*, n. 66.

[28] Cfr. F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 8.

Abraçar o mundo com a oração: o salmo 2

Considerar a filiação divina – ser filhos de Deus em Cristo pelo batismo – constitui o fundamento de toda a espiritualidade do Opus Dei. Partilhamos algumas reflexões inspiradas no salmo 2, oração que S. Josemaria desejava que se rezasse e meditasse nas terças-feiras, para animar este espírito filial.



Em Jerusalém não se fala doutra coisa, ainda que seja entre sussurros, a meia voz, para não despertar a desconfiança das autoridades religiosas. Mas é um facto inegável e todos o viram: aquele parálítico de nascença, que desde há anos pedia esmola na porta do Templo chamada Formosa, entrou pelo seu próprio pé, entre pulos e saltos, glorificando a Deus e acompanhado por dois pescadores da Galileia, seguidores do Nazareno (cf. At 3, 1-10). Os discípulos Pedro e João foram presos pelo chefe dos guardas do Templo e pelos saduceus após a cura milagrosa. Comenta-se que, depois de os submeterem a um juízo sumário e os proibirem de dizer uma única

palavra ou ensinar no nome de Jesus, os puseram em liberdade (cf. At 4, 1-21).

Segundo contam os Atos dos Apóstolos, logo que saíram da prisão, Pedro e João reuniram-se com os irmãos e contaram-lhes tudo o que tinha acontecido. «Depois de tudo terem ouvido, ergueram a voz a Deus, numa só alma, e disseram: “Senhor, Tu é que fizeste o céu e a terra, o mar e tudo o que neles se encontra. Tu disseste pelo Espírito Santo e pela boca do nosso pai David, teu servo: ‘Porque bramiram as nações e os povos formaram vãos projetos? Levantaram-se os reis da terra e os chefes coligaram-se contra o Senhor e contra o seu Ungido’. Sim, realmente, Herodes e Pôncio Pilatos coligaram-se nesta cidade com as nações e os povos de Israel, contra o teu Santo Servo Jesus, a quem ungiste, para levaram a cabo tudo quanto determinaste antecipadamente, pelo teu poder e sabedoria. Agora, Senhor, tem em conta as suas ameaças e concede aos teus servos poderem anunciar a tua palavra com todo o desassombro, estendendo a tua mão para se operarem curas, milagres e prodígios em nome do teu Santo Servo Jesus”» (At 4, 24-30).

Os primeiros cristãos não só rezam juntos e não se acobardam, mas também confessam a Deus como criador. Não veem o cumprimento das Escrituras unicamente na vida de Cristo, mas também na da primeira comunidade, que sofreu as ameaças, tal como Jesus tinha previsto. E longe de desanimarem, confiam em que Deus tira o bem dessas situações.

A Igreja nascente vai crescendo através da pregação apostólica e desde o primeiro momento tem entranha universal. Mas a par dos batismos e conversões, surgem também as dificuldades. «Face às perseguições sofridas por causa de Jesus, a comunidade não só não se atemoriza e não se divide, mas mantém-se unida na oração, como uma só pessoa, para invocar o Senhor»^[1]. A primeira comunidade cristã não teme as ameaças externas, pois tem presente o final do seu Mestre e como à cruz se seguiu a ressurreição. Apenas pede para poder anunciar a palavra de Deus com toda a liberdade: «Pede para não perder a valentia da fé, a valentia de anunciar a fé»^[2].

O fundamento de tudo

Na oração destes discípulos está presente o salmo 2, que na tradição hebraica se lê como um conjunto com o salmo 1 e juntamente com este último constitui um prefácio aos restantes 148 salmos. É considerado um dos chamados salmos reais ou messiânicos, como o salmo 45, o salmo 89 e o salmo 110. Entre estes, o salmo 2 caracteriza-se por, de acordo com a promessa a David – «Eu serei para ele um pai e ele será para mim um filho» (2Sm 7, 14) – proclamar este singular privilégio da dinastia davídica: no momento de receber a unção em Jerusalém, o novo rei é adotado por Deus como seu filho. Esta filiação do rei realiza-se plenamente em Jesus, Rei de Israel, Filho de David e Filho unigénito de Deus. Por isso, no Novo Testamento é citado em sete ocasiões (cf. Lc 3, 22; At 4, 25-26; 13, 33; Heb 1, 5; 5, 5; Ap 2, 27; 19, 15). Este texto, que confortou os cristãos da primeira hora, continua a acompanhar a Igreja. Trata-se duma oração que conduz à confiança no poder de Deus e faz ressoar aos nossos ouvidos uma declaração animadora: «Tu és meu filho, Eu hoje te gerei» (Sl 2, 7).

A consideração da filiação divina – uma adoção filial da qual Cristo fez participantes todos os batizados através da graça – constitui o fundamento de toda a espiritualidade do Opus Dei^[3]. Assim Deus o fez entender a S. Josemaria no dia 16 de outubro de 1931^[4], quando se encontrava na rua, indo dum ponto para outro da cidade num elétrico e enquanto realizava uma ação tão rotineira como a leitura dum jornal: «A oração mais elevada tive-a (...) num elétrico e a seguir, vagueando pelas ruas de Madrid, contemplando essa maravilhosa realidade: Deus é meu Pai. Sei que, sem o poder evitar, repetia: *Abba, Pater!* Suponho que me terão tomado por louco»^[5]. E numa meditação no ano de 1954, comentava: «É talvez a oração mais elevada que Deus me concedeu. Aquilo foi a origem da filiação divina que vivemos no Opus Dei»^[6].

Anos mais tarde, abrindo o seu coração na presença de Deus, relembrava aquela cena, mostrando que a recordação permanecia muito viva: «Quando o Senhor me dava aqueles golpes, no ano trinta e um, eu não entendia. E logo, no meio daquela amargura tão grande, essas palavras: Tu

és meu filho, tu és Cristo. E eu só sabia repetir: *Abba Pater!*; *Abba Pater!*; *Abba!*, *Abba!*»^[7].

Pouco tempo depois daquele 16 de outubro de 1931, para animar este espírito filial, o nosso Padre dispôs que os seus filhos espirituais lessem, todas as terças-feiras, o segundo salmo e que se detivessem a meditar este texto na sua oração da tarde desse dia. Num primeiro momento pensou inclusivamente em que fosse um hino da Obra e foram feitas diversas diligências para lhe pôr música e letra, mas depois desistiu da ideia^[8]. Uma explicação deste costume encontramos-na na carta circular que escreveu aos membros da Obra no final da guerra civil espanhola, em 24 de março de 1939: «Todas as terças-feiras, depois de invocar cada um o seu Santo Anjo da Guarda com o pedido de que o acompanhe na sua oração, beijará o terço, em sinal de amor a Nossa Senhora e significando que a oração é a nossa arma mais eficaz. E seguidamente recitará o salmo número 2, em latim. Aconselho-vos a que, servindo-vos da tradução (...), useis esse texto para a vossa meditação da tarde de terça-feira. E entenderéis bem, depois de rezar, a razão desse clamor que fazemos ressoar na terra e subir ao céu antes de começar as nossas grandes batalhas e sempre»^[9].

Sem lugar para o desalento

Como tudo o que tem o selo do divino, a Obra também deu os seus primeiros passos numa circunstância adversa. O nascimento do Opus Dei coincide com momentos difíceis na história da humanidade: em 1928 decorria uma década sobre a conclusão da Primeira Guerra Mundial, avizinhava-se uma forte crise económica no Ocidente e os totalitarismos europeus incipientes anunciavam um panorama inquietante que desembocaria num conflito bélico global de consequências ainda mais catastróficas. A situação em Espanha não era melhor: o regime político era instável e a situação económica e social era precária para a maioria da população.

Na meditação que o Padre pregou no passado dia 14 de fevereiro em Roma, considerava estes factos e, descendo às circunstâncias concretas de cada um, animava-nos: «A situação atual também é difícil. Sempre haverá

dificuldades, no trabalho apostólico ou nos pessoais, mas não nos devemos assustar, nem muito menos desalentar ou desanimar, nem pelas dificuldades na Obra, nem pelas que cada um encontra na sua vida pessoal, no trabalho apostólico ou no seu trabalho»^[10].

«O caminho do cristão, o de qualquer homem, não é fácil», escrevia S. Josemaria. E acrescentava: «Claro que, em certas épocas, parece que tudo se cumpre de acordo com as nossas previsões; mas habitualmente isto dura pouco. Viver é enfrentar-se com dificuldades, sentir no coração alegrias e dissabores; e nesta luta o homem pode adquirir fortaleza, paciência, magnanimidade, serenidade»^[11].

O mundo por herança

«Na oração do Saltério o mundo está sempre presente»^[12]. Toda a história dos homens e o percurso de cada biografia, com os seus altos e baixos, encontram neste livro sapiencial o seu eco. Os salmos «abrem o horizonte ao olhar de Deus sobre a história»^[13]. Cada terça-feira, ao ler este texto bíblico, podemos pensar no que se afirma no versículo 8: «Pede-me e Eu te darei povos como herança e os confins da terra por domínio».

Temos o mundo por herança. Por isso, nada do que nele acontece pode ser alheio ao nosso coração: «Um homem ou uma sociedade que não reaja perante as tribulações ou as injustiças, e que não se esforce por aliviá-las, não são um homem ou uma sociedade à medida do Coração de Cristo»^[14].

O Padre convida-nos com frequência a sentirmo-nos próximos de tudo o que acontece, sobretudo quando temos notícias sobre acontecimentos dolorosos, como guerras, epidemias ou catástrofes: «Tudo é nosso, tudo é nosso. E isso não nos leva ao desalento, mas à oração, a intensificar a nossa união com o Senhor, a intensificar também o nosso afã de almas, a desagrar, a rezar... E sempre, com alegria, sem perder a esperança, sabendo que teremos sempre a grande arma da oração. A grande arma do trabalho convertido em oração, a grande arma do *Deus nobiscum*, porque Deus está sempre connosco»^[15].

Na vida de S. Josemaria encontramos um exemplo. Os que conviveram com ele recordam que, quando via as notícias ou lhe chegavam informações dalgum desastre natural, comovia-se e pedia a Deus pelas pessoas afetadas. Também era capaz de se alegrar e vibrar com o progresso humano e os avanços técnicos do seu tempo. Pois não só fazemos nossas as desgraças, mas também todas as coisas boas que há no mundo.

* * *

A oração dos primeiros discípulos é um modelo na hora de enfrentar os reveses ou a incompreensão. «Também nós – animava-nos Bento XVI – devemos saber levar os acontecimentos da nossa vida diária à nossa oração, para encontrar o seu significado profundo. E como a primeira comunidade cristã, também nós, deixando-nos iluminar pela palavra de Deus, através da meditação da Sagrada Escritura, podemos aprender a ver que Deus está presente na nossa vida, presente também e sobretudo nos momentos difíceis, e que tudo – inclusive as coisas incompreensíveis – forma parte dum desígnio superior de amor no qual a vitória final sobre o mal, sobre o pecado e sobre a morte é verdadeiramente a do bem, da graça, da vida, de Deus»^[16].

Face aos que querem abafar o anúncio de Cristo ou perante as nossas próprias limitações, a resposta é a confiança em Deus, que nos enche de esperança e nos leva a olhar o mundo com profundo otimismo, sabendo que Ele está sempre ao nosso lado: «Eu próprio ungi o meu Rei sobre Sião, a minha montanha sagrada» (Sl 2, 6). Por isso esta oração termina com uma chamada à bem-aventurança, à fidelidade. «Felizes serão todos os que puseram nele a sua confiança», que tem um eco neste ponto de *Caminho*: «Confia sempre no teu Deus. – Ele não perde batalhas»^[17].

María Candela

NOTAS

[1] Bento XVI, Audiência, 18/04/2012.

[2] *Ibid.*

[3] cf. *Es Cristo que passa*, edição crítico-histórica preparada por Antonio Aranda, Rialp, 2013, n. 64b, p. 411.

[4] cf. S. Josemaria, *Apontamentos íntimos*, 16/10/1931, n. 334.

[5] S. Josemaria, *Instrução*, maio 1935 - 14/09/1950, n. 22, nota 28.

[6] S. Josemaria, *Meditação*, 15/04/1954.

[7] S. Josemaria, *Meditação*, 28/04/1963 (citado em Fernando Ocáriz, *Naturaleza, gracia y gloria*, p. 180).

[8] José Luis González Gullón, *DYA. La academia y residencia en la historia del Opus Dei(1933-1939)*, Rialp, 2016, nota de rodapé n. 1590.

[9] S. Josemaria, *Carta*, 24/03/1939.

[10] Fernando Ocáriz, *Meditação*, 14/02/2023.

[11] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 77.

[12] Francisco, *Audiência*, 21/10/2020.

[13] *Ibid.*

[14] S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 167.

[15] Fernando Ocáriz, *Meditação*, 14/02/2023.

[16] Bento XVI, *Audiência*, 18/04/2012.

[17] S. Josemaria, *Caminho*, n. 733.

16 de outubro de 1931: “Abba, Pai!”

A 16 de outubro de 1931, imerso em preocupações, São Josemaria rezava num eléctrico de Madrid. Aquela oração – feita na rua – levou-o a compreender com especial profundidade que era filho de Deus. “Abba, Pai!”, rezou em voz alta.

Relato recolhido em “O Fundador do Opus Dei (1)”, de Andrés Vázquez de Prada



'O Senhor fazia germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, esta terna invocação: Abba! Pater! Estava eu na rua, num eléctrico'.

O 16 de outubro foi uma jornada memorável, coalhada de oração. Um desses dias em que mal conseguiu ler umas linhas do jornal, pois passou o tempo arrebatado em união contemplativa:

“Dia de Santa Hedvigés 1931: Quis fazer oração, depois da Missa, na quietude da minha igreja. Não consegui. Em Atocha, comprei um jornal (o A.B.C.) e tomei o elétrico. A estas horas, ao escrever isto, não pude ler mais do que um parágrafo do jornal. Senti afluír a oração de afetos, copiosa e ardente. Assim estive no elétrico e até minha casa (...).”

Quando, mais adiante, houver que dar detalhes sobre a oração desse dia, “a oração mais elevada” que teve, ao explicar aquela extraordinária graça de união com Deus, indo num elétrico, deambulando pelas ruas, verá nisso uma lição. O Senhor fez-lhe entender que a consciência da filiação divina tinha que estar na própria entranha da Obra:

“Senti a ação do Senhor, que fazia germinar no meu coração e nos meus lábios, com a força de algo imperiosamente necessário, esta terna invocação: *Abba! Pater!* Estava eu na rua, num elétrico [...]. Provavelmente fiz aquela oração em voz alta. E andei pelas ruas de Madrid, talvez uma hora, talvez duas, não o posso dizer, o tempo passou sem dar conta. Deviam-me tomar por louco. Estive a contemplar, com luzes que não eram minhas, essa assombrosa verdade, que ficou acesa como uma brasa na minha alma, para nunca se apagar”.

Na mensagem do 2 de outubro de 1928, na chamada à santidade no meio do mundo, voltava-se a repetir a velha e nova doutrina do evangelho: *estote ergo vos perfecti, sicut et Pater vester caelestis perfectus est; sede perfectos, como o vosso Pai celestial é perfeito.*

Naquele dia percebeu, na profundidade misteriosa da filiação divina, o alcance daquela assombrosa realidade. Não do modo em que a vinha vivendo até aí, mas projetada dentro da sua específica missão fundacional, como explicava aos seus filhos:

“Poder-vos-ia precisar, o momento, o local onde aconteceu aquela primeira oração de filho de Deus. Aprendi a chamar Pai, no Pai Nosso,

desde menino; mas sentir, ver, admirar esse querer de Deus, de que sejamos Seus filhos..., na rua e num elétrico, uma hora, hora y meia, não o sei!; *Abba, Pater!*, tinha que gritar. Há no Evangelho umas palavras maravilhosas; todas o são: ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar (Mt XI, 27). Naquele dia quis de uma maneira explícita, clara, terminante, que, comigo, vós vos sintais sempre filhos de Deus, deste Pai que está nos céus e que nos dará o que pedirmos em nome do seu Filho [...]”.

Em 1971, dando uma meditação, revivia a recordação espantosa daquele dia que foi uma confirmação da qualidade inefável de ser filho de Deus e também de que a Obra era, verdadeiramente, Opus Dei:

“Entendi que a filiação divina havia de ser uma característica fundamental da nossa espiritualidade: *Abba, Pater!* E que, ao viver a filiação divina, os meus filhos se encontrariam cheios de alegria e de paz, protegidos por um muro inexpugnável; que saberiam ser apóstolos desta alegria, e saberiam comunicar a sua paz, também no sofrimento próprio ou alheio. Justamente por isso: porque estamos persuadidos de que Deus é nosso Pai”.

«Dá-Lhe graças por tudo, porque tudo é bom»

Agradecer, perante o que é bom e perante o que é mau, é saber-se sempre querido por Deus: obrigado por estares aqui ao meu lado; obrigado porque isto Te interessa.



Acertar com a própria vida: dar com o essencial, apreciar o que tem valor, ver as coisas más a chegar, deixar passar o irrelevante. «Se a riqueza é um bem desejável na vida, haverá maior riqueza do que a sabedoria, que tudo realiza?» (Sb 8,5). A sabedoria não tem preço: todos a queriam para si. É um saber que não tem que ver com as letras, mas com o *sabor*, com a capacidade de perceber como sabe o bem. Expressa-o de modo certo o termo *sapientia*, tradução do grego *sophia* nos livros sapienciais. No seu significado original, *sapientia* denota bom gosto, bom olfato. O sábio tem um paladar para saborear o que é bom. *Da nobis recta sapere*, pedimos a Deus, com uma antiga oração[1]: faz com que *saboreemos* o bom.

A Escritura apresenta esta sabedoria como um conhecimento natural, que brota com facilidade: «veem-na com facilidade os que a amam e os que a procuram encontram-na. Adianta-se a manifestar-se aos que a desejam. Quem madruga por ela não se cansa, pois encontra-a sentada à sua porta» (Sb 6,12-14). No entanto, para adquirir esta conaturalidade é necessário procurá-la, desejá-la, madrugar por ela. Com paciência, com a insistência do salmo: «Oh, Deus, Tu és o meu Deus, na alva te procuro, / a minha alma tem sede de Ti; / por Ti a minha carne desfalece, / na terra deserta e seca, sem água» (Sl 63,2). E esta procura é a tarefa de uma vida. Por isso, a sabedoria vai chegando também com os anos. A sabedoria, disse-o o Papa tantas vezes, fazendo-se eco do Livro de Ben Sirac (cf. Si 8,9), é o mais próprio dos anciãos: eles são «a reserva de sabedoria do nosso povo»[2]. É verdade que a idade também pode trazer consigo inconvenientes como o enraizamento de alguns defeitos do caráter, certa resistência a aceitar as próprias limitações, ou dificuldades para compreender os jovens. Mas, acima de tudo isso, costuma brilhar a capacidade de apreciar, de *saborear* o verdadeiramente importante. E isso é, no fim de contas, a verdadeira sabedoria.

A este saber se referia S. Josemaria numa ocasião, falando a um grupo de fiéis da Obra: «Quando passarem trinta anos, olhareis para trás e ficareis pasmados. E não tereis senão que acabar a vida a agradecer, a agradecer...»[3] Com o passar dos anos ficam, sobretudo, motivos de agradecimento. Esbatem-se os contornos agudos de problemas e dificuldades que, quiçá no seu momento nos agitaram fortemente, e passa-se a vê-los com outros olhos, até com certo humor. Adquire-se a perspectiva para ver como Deus foi levando cada um, como foi dando a volta aos seus erros, como se serviu dos seus esforços... Aqueles que conviviam com o Beato Álvaro recordam a frequência e a simplicidade com que dizia: «graças a Deus». Essa convicção de que não se tem senão que agradecer, recolhe, pois, um elemento essencial da verdadeira sabedoria. A de que Deus vai fazendo crescer na alma daqueles que O procuram, e que podem dizer mesmo antes de chegar à velhice: «Tenho mais discernimento do que os anciãos, porque guardo os Teus mandatos» (Sl 119,100).

Tudo é bom

Dos apertos e angústias do seu esconderijo no Consulado das Honduras, S. Josemaria escrevia em 1937 aos fiéis da Obra que estavam dispersos por Madrid: «Muito ânimo, sim? Procurai que todos estejam contentes: tudo é para bem: tudo é bom»[4]. A mesma tónica tem outra carta, escrita passado um mês, aos que estavam em Valência: «Animai-vos. Alegrai-vos, se, como é natural, vos entristecestes. Tudo é para bem»[5].

Todo é bom, tudo é para bem. Nestas palavras transparecem dois textos da Escritura. Por um lado, o *crescendo* de alegria de Deus durante a criação, que desemboca na conclusão de que «tudo o que tinha feito (...) era muito bom» (*Gn* 1,31). Por outro, aquela máxima de S. Paulo — «todas as coisas cooperam para o bem dos que amam a Deus» (*Rm* 8,28) — que S. Josemaria condensava numa exclamação: «*omnia in bonum!*» Anos antes, no Natal de 1931, essas duas fibras da Escritura entreteciam-se numa anotação que, mais tarde, daria lugar a um ponto de *Caminho*. Tudo é bom, tudo é para bem. O reconhecimento pelas coisas boas e a esperança de que Deus saberá tirar um bem do que parece mau:

Habitua-te a elevar o coração a Deus, em ação de graças, muitas vezes ao dia. — Porque te dá isto e aquilo. — Porque te desprezaram. — Porque não tens o que necessitas ou porque o tens. Porque fez tão formosa a Sua Mãe, que é também tua Mãe. — Porque criou o Sol e a Lua e aquele animal e aquela outra planta. — Porque fez aquele homem eloquente e a ti te fez difícil de palavra... Dá-Lhe graças por tudo, porque tudo é bo[6].

Como se pode observar à primeira vista, a sequência dos motivos de agradecimento não segue uma ordem particular: se tudo é bom, é-o a primeira coisa que se nos apresenta e a seguinte e a outra... todas são motivo de agradecimento. «Porque criou o Sol e a Lua e aquele animal e aquela outra planta». Olha para onde quiseres, parece dizer-nos S. Josemaria: não encontrarás senão motivos de agradecimento. Reflete-se nestas linhas, enfim, uma admiração que transborda diante da bondade de Deus; um assombro que recorda o cântico das criaturas de S. Francisco, em que também tudo é motivo de agradecimento: «Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas (...). Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e pelo ar, e a nuvem e o céu sereno, e em todo o tempo, para todos

eles, tuas criaturas, dás sustento (...). Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam pelo teu amor»[7].

«Porque te dá isto e aquilo». Quantas coisas nos dá Deus, e que facilmente nos habituamos a elas ! A saúde, a que se chamou «o silêncio dos órgãos» é porventura um exemplo paradigmático: costuma acontecer que a damos por garantida até que o corpo se começa a fazer notar e, talvez, só então valorizamos, pela sua ausência, o que tínhamos. O agradecimento consiste aqui, em parte, em *adiantar-se*; em afinar o ouvido para perceber o silêncio, a discrição com que Deus nos dá tantas coisas. «As misericórdias de Deus acompanham-nos todos os dias. Basta ter o coração vigilante para as poder perceber. Somos muito propensos a notar apenas o cansaço diário (...). Mas se abriremos o nosso coração, então, embora estejamos submersos nele, podemos verificar continuamente como Deus é bom connosco; como pensa em nós precisamente nas pequenas coisas, ajudando-nos assim a alcançar as grandes»[8].

Seria empequenecer este agradecimento pensar que se trata simplesmente da resposta a uma dívida de gratidão. É muito mais: precisamente porque consiste em *saborear o bom*, agradecer a Deus é desfrutar *com Ele* das coisas boas que nos dá, porque em companhia das pessoas queridas sempre se desfruta mais. Até o mais prosaico pode ser então motivo para passar um bom bocado; para não se tomar demasiado a sério; para descobrir a alegria de viver «no meio das pequenas coisas da vida quotidiana, como resposta ao afetuoso convite do nosso Pai-Deus: «Filho, na medida das tuas possibilidades trata-te bem (...) Não te privas de passar um bom dia» (Si 14,11.14). Quanta ternura paterna se intui por trás destas palavras!»[9]

Tudo é para bem

Lembrar-se de agradecer as coisas boas que Deus nos dá é já em si mesmo um desafio. Que dizer das coisas menos agradáveis? «Porque te desprezaram»: porque te trataram com frieza, com indiferença; porque te humilharam; porque não valorizaram os teus esforços... «Porque não tens o que necessitas ou porque o tens». É no mínimo surpreendente a

tranquilidade com o que *ter* e *não ter* aparecem aqui sob o mesmo signo. Realmente é possível agradecer a Deus a falta de saúde, de trabalho, de tranquilidade? Dar graças porque te falta tempo — quantas vezes isso nos faz sofrer; porque te faltam ânimo, forças, ideias; porque isto ou aquilo te saiu mal... Pois sim: também então, nos diz S. Josemaria, dá graças a Deus.

Esta atitude remete-nos para as contradições por que passava S. Josemaria quando escrevia essas cartas a partir do Consulado das Honduras, e ao contexto de sofrimento de que surgiu a anotação que está na origem deste ponto de *Caminho*[10]. O convite para *agradecer o que é mau*, que aparece de um modo mais explícito umas páginas adiante tem a sua origem numa anotação de cinco dias antes: «Paradoxos de uma pequena alma. — Quando Jesus te enviar acontecimentos a que o mundo chama bons, chora no teu coração, considerando a bondade d’Ele e tua a malícia: quando Jesus te enviar acontecimentos que o mundo qualifica de maus, alegra-te no teu coração, por Ele te dar sempre o que convém, e então é o belo momento de querer a Cruz»[11].

Apesar da sua proximidade no tempo, esta consideração situa-se no âmbito de outro capítulo de *Caminho*, um dos dois que versam sobre infância espiritual. Vem assim à luz uma chave a partir da qual se pode compreender o clima espiritual dessa disposição de dar graças a Deus «por tudo, porque tudo é bom». Se o agradecimento é um sinal da sabedoria que acompanha a idade e a proximidade com Deus, surge apenas onde há uma atitude de «abandono esperançado»[12] nas mãos de Deus; uma atitude que S. Josemaria descobriu pela via da infância espiritual: «Já presenciaste o agradecimento das crianças? — Imita-os dizendo, como eles, a Jesus, diante do favorável e diante do adverso: «Que bom que és! Que bom!...»[13]

Agradecer o que é mau não é, à partida, algo que surja espontaneamente. De facto, ao princípio pode mesmo parecer algo teatral ou inclusive ingénuo, como se negássemos a realidade, como se procurássemos consolação... num conto infantil. No entanto, agradecer nessas situações não é deixar de ver, mas *ver mais além*. Resistimos a agradecer porque percebemos a perda, a contrariedade, a rotura. O nosso olhar está ainda muito pegado à terra, como sucede à criança a quem parece

que o mundo se afunda porque se estragou um brinquedo, porque tropeçou, ou porque queria continuar a brincar. Na altura, é um pequeno drama, mas passado um pouco de tempo de certeza que lhe passa. «Na vida interior, convém-nos a todos ser (...) como esses pequerruchos, que parecem de borracha, que até se divertem com os seus trambolhões, porque se levantam logo a seguir e continuam nas suas correrias; e porque não lhes falta ,quando é preciso ,o consolo dos pais»[14].

O agradecimento de que nos fala S. Josemaria não é uma espécie de manto que cobre o desagradável, como por artes mágicas, mas um gesto pelo qual levantamos o olhar para o nosso Pai Deus, que nos sorri. Abre-se assim caminho à confiança, um abandono que põe em segundo plano a contrariedade, ainda que nos continue a molestar. Agradecer quando algo nos dói significa *aceitar*: «A melhor maneira de expressar gratidão a Deus e às pessoas é aceitar tudo com alegria»[15]. Seguramente a primeira coisa que sai não é um grito de alegria; antes talvez o contrário disso. Ainda assim, ainda que a alma se rebele, agradecer: «Senhor, não é possível... não pode ser... mas obrigado»; aceitar: «eu queria ter mais tempo, mais forças... eu queria que esta pessoa me tratasse melhor... eu queria não ter esta dificuldade, este defeito. Mas Tu sabes mais». Pediremos a Deus que solucione as coisas como nos parece que deveriam ser, mas com a serenidade de que Ele sabe o que faz, e de que retira bens de onde talvez apenas vejamos males.

Agradecer o que é mau, sempre com palavras da mesma época do «obrigado por tudo», supõe «acreditar como acreditam as crianças, amar como amam as crianças, abandonar-se como se abandonam as crianças»[16]. Para além da forma particular que esse abandono tome na vida interior de cada um, esta atitude delinea a convicção de que, diante de Deus, somos muito pequenos e que assim são as nossas coisas. E, apesar disso, a Deus interessam-Lhe e mais do que a ninguém no mundo. Daí surge na realidade o agradecimento de *se saber querido*: obrigado por estares aqui ao meu lado; obrigado porque isto Te interessa. No meio de uma aparente distância de Deus, percebemos, então, a Sua proximidade: contemplamo-Lo no meio da vida corrente, porque os problemas fazem parte da vida habitual. A coberto da adversidade, surge assim o motivo mais

profundo pelo qual agradecemos o bom e o mau: obrigado, porque encontro o Amor por todo o lado. O verdadeiro motivo de ação de graças, a raiz profunda da ação de graças, é que Deus me ama, e que tudo na minha vida são ocasiões de amar e de me saber amado.

No sofrimento pelo que nos falta, pela frieza, pelas carências, pelas consequências dos nossos erros... escondem-se, assim, oportunidades para recordar, para nos despertar para o Amor de Deus. Apercebemo-nos de que, ainda que nos custe renunciar a algo, ainda que nos custe aceitar a dor ou a limitação, que é isso nos tira, afinal de contas, se temos o Amor de Deus? «Quem nos afastará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?» (Ro 8,35).

É possível, assim, dar «graças por tudo, porque tudo é bom». A loucura cristã de agradecer tudo tem a sua origem na filiação divina. Quem se apercebeu de que tem um Pai que o ama não necessita, na realidade, de mais nada. A um Pai bom, sobretudo, agradece-se-lhe. É assim o amor de Jesus pelo seu Pai: Jesus é todo Ele agradecimento, porque recebeu tudo do seu Pai. E ser cristão é entrar nesse amor, nesse agradecimento: Dou-Te graças, Pai, porque sempre me escutas (cf. Jo 11,41-42).

Não te esqueças de agradecer

«Bendiz, minha alma, o Senhor, não esqueças nenhum dos seus benefícios» (Sl 103,2). Na Escritura, Deus convida-nos com frequência a recordar porque sabe que vivemos habitualmente no esquecimento como as crianças que andam com os seus brinquedos e não se lembram do pai. Deus sabe-o, e compreende-o. Mas atrai-nos suavemente para os seus braços, e sussurra-nos de mil modos: *recorda*. Agradecer é também, pois, uma questão de memória. Por isso o Papa fala com frequência de «memória agradecida»[17].

A disposição para agradecer o que nos contraria, assombrosa como possa ser, facilita de facto lembrar-se de dar graças a Deus perante as coisas agradáveis. De resto, a vida de cada dia oferece-nos muitas ocasiões para *fazer memória*: deter-se um instante a abençoar à mesa, a agradecer que

Deus nos dê algo para levarmos à boca; dedicar um tempo de ação de graças da Missa ou da nossa oração pessoal a dar-Lhe graças pelas coisas vulgares da vida, para descobrir o que têm de extraordinário: um trabalho, um teto, pessoas que nos amam; agradecer as alegrias dos outros; ver um dom de Deus, e outro, e outro, nas pessoas que nos prestam um serviço... Também há momentos em que a vida vem ao nosso encontro com uma chispa de beleza: a luz de um entardecer, uma atenção inesperada para conosco, uma surpresa agradável... São ocasiões para ver, entre as fibras, por vezes um pouco cinzentas, da vida diária, a cor do Amor de Deus.

Desde muito cedo, as culturas do mundo viram, no avanço do dia para a noite, uma imagem da vida. A vida é como um dia, e um dia é como a vida. Por isso, se o agradecimento é próprio da sabedoria de quem viveu muito, que bom é acabar o dia a agradecer. Ao deter-se na presença de Deus a avaliar o dia, Deus *agradecerá* que lhe agradeçamos tantas coisas, «*etiam ignotis*»[18]: também as que desconhecemos; e, inclusive, que Lhe peçamos perdão, com confiança de filhos, por não ter agradecido suficientemente.

Carlos Ayxelà

NOTAS

[1] Oração «*Veni Sancte Spiritus*», recolhida no *Missal Romano*, Missa votiva do Espírito Santo (A), oração coleta.

[2] Francisco, Audiência, 4-III-2015.

[3] S. Josemaria, notas de uma reunião familiar, 21-I-1955, citado em *Crónica*, VII-55, p. 28 (AGP, biblioteca, P01).

[4] S. Josemaria, Carta, 17-V-1937, citada em *Caminho*, ed. crítico-histórica, comentário ao n. 268.

[5] S. Josemaria, Carta, 15-VI-1937; citada em *Ibid.*

[6] S. Josemaria, *Caminho*, n. 268. A anotação original corresponde a 28 de dezembro de 1931.

[7] S. Francisco de Assis, *Cântico das criaturas*, em *Fonti Francescane*, n. 263.

[8] Bento XVI, Homilia, 15-IV-2007.

[9] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii gaudium*, 24-XI-2013, n. 4.

[10] Cf. *Caminho*, edição crítico-histórica, comentário aos nn. 267 e 268.

[11] *Caminho*, n. 873. A anotação original é de 23 de dezembro de 1931.

[12] F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, n. 8.

[13] *Caminho*, n. 894. O texto parte também de uma anotação de 23 de dezembro de 1931.

[14] S. Josemaria, *Amigos de Deus*, n. 146.

[15] Santa Teresa de Calcutá, *Não há maior amor*, Livros do Brasil, Lisboa

[16] Santo Rosário, *Ao leitor*. Este texto pertence ao manuscrito original que S. Josemaria redigiu «de uma penada» durante a novena à Imaculada Conceição de 1931; cf. Edição crítico-histórica, fac-símiles e fotografias, n. 4.

[17] Cf. p. ex. Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 13; Homilia, 18-VI-2017; Homilia, 12-XII-2017.

[18] S. Josemaria, “En las manos de Dios” (2-X-1971), *En diálogo con el Señor*, edición crítico-histórica, Rialp, 2017, p. 307.